



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

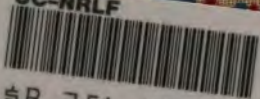
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

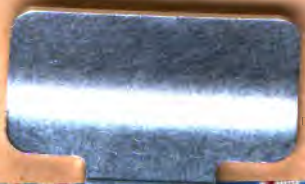
UC-NRLF



QB 256 469

3/wjo

BERKELEY  
LIBRARY  
UNIVERSITY OF  
CALIFORNIA







LIVRARIA CHARDRON

As circumstancias actuais obrigam-nos a seguir a  
resolução dos editores francezes e inglezes, elevando  
temporariamente os preços das nossas edições. Aumen-  
to provisório neste volume em brochura

\$10



THE SOURO POETICO DA INFANCIA



PORTO  
TYPOGRAPHIA ALLIANÇA  
55, Travessa de Cedofeita, 57

—  
1883

4818

# THESOURO POETICO DA INFANCIA

---

COLLIGIDO E ORDENADO

POR

ANTHERO DE QUENTAL



PORTO

ERNESTO CHARDRON—EDITOR

1883



LOAN STACK

~~5927F~~

PZ84

.3

Q4



## ADVERTENCIA

**E**ste livrinho, destinado exclusivamente á infancia, dedico-o ás mães e cuido fazer-lhes um presente de algum valor.

Convencido de que ha no espirito das crianças tendencias poeticas e uma verdadeira necessidade de ideal, que convém auxiliar e satisfazer, como elementos preciosos para a educação — no alto sentido d'esta palavra, isto é, para a formação do character moral—colligí para aqui tudo quanto no campo da poesia portugueza me pareceu, por um certo tom ao mesmo tempo simples e

---

elevado, ou ainda meramente gracioso e fino, poder contribuir para aquelle resultado, em meu conceito, importantissimo.

Destina-se pois este volumezinho sobre tudo á leitura domestica. Talvez que não fosse tambem descabido nas escólas de primeiras lettras: mas receio que a simplicidade quasi sempre pueril dos assumptos e a tenuidade do estylo pareçam a muitos mestres destoar d'aquella gravidade pedagogica, que, em seu entender, é attributo do ensino. Direi que pela minha parte, não o entendo assim: penso, com Fröbel e João de Deus, (e com a razão e a natureza) que o typo do ensino é o maternal, o que segue passo a passo as tendencias naturaes e accomóda o methodo e doutrina á condição peculiar do espirito infantil. Para uns entesinhos, em quem tudo é movimento e imaginação, a escola, se não for jardim, será só prisão; a doutrina, se não for encanto, será só tortura.

As mães essas comprehendem por instincto que é pelo caminho florido e suave da imaginação e do sentimento que a infancia deve ser encaminhada para o mundo superior da razão. Antes as crianças leiam com intelligencia e com gosto historietas e canti-

gas, do que, forçadas e sem compreensão, os graves casos de D. João de Castro ou dos Lusíadas. E' preciso que a cada espirito e a cada periodo do desenvolvimento do espirito se dê o alimento que lhe convêm. A infancia só comprehende e só ama o que é infantil. Mas infantil não quer dizer trivial nem desarrazoado. Quer só dizer que a razão reveste, para espiritos em que tudo é ainda instincto e fantasia, as formas da intuição e da imaginação: essas formas podem porém envolver lição moral e até elevados conceitos racionaes. Ora é esse justamente o caracter e privilegio da poesia: tornar, pela idealisação sentimental, ductil e plastico o que, nas formas da pura razão, é naturalmente abstracto e accessivel só á meditação. A poesia é o ideal percebido instinctivamente.

E' por taes motivos que a poesia constitue o instrumento por excellencia accómmodo para desenvolver, e até evocar, na alma infantil, aquelle sentimento do bem e do bello, sem o qual, mais tarde, a propria rectidão do character degenera n'uma dureza intolerante e estreita, a propria penetração da intelligencia n'uma agudeza sophistica e esteril. Em tempos primitivos, foi a poesia o vehicu-

lo da doutrina e a linguagem propria das cousas ideaes, para a humanidade ainda infante: sel-o-ha sempre para a infancia, porque cada criança representa verdadeiramente, na sua constituição mental e psychologica, um resumo exacto d'aquella primordial e incipiente humanidade. A doutrina terá sempre de lhe ser revelada em forma de mythos, de exemplos e de imagens — isto é, em forma não só de poesia, mas de poesia simples e, na sua essencia, primitiva.

Esta ultima consideração me levou a excluir completamente d'este livrinho os poetas, ditos classicos, dos seculos 16, 17 e 18. Tenho-os em muita estima, especialmente os Quinhentistas: mas nem pelos assumptos, que trataram, nem pelo estylo, em que escreveram, podiam convir ao meu proposito. Não me propuz dar ás crianças (o que aliás me parece bem escusado) uma ideia mais ou menos exacta, por meio d'uma selecta, da poesia portugueza. O meu fim é diverso e propriamente *educativo*: fazer servir a poesia, como sendo a forma adequada, a desenvolver no espirito das crianças certas tendencias moraes, de que, no meu entender, depende essencialmente a harmonia do ca-

racter e, em geral, o bom equilibrio das faculdades. Ora para isto é que os poetas classicos não servem, justamente por serem *classicos*, isto é, presupporem já, em quem os lê, o character formado e a razão desenvolvida e opulentada com larga copia de idéas e conhecimentos. Filha d'uma civilisação muito adiantada, a poesia classica ignora ou despreza o que é simples. Os seus assumptos são sempre nobres, ás vezes heroicos, mas nunca primitivos; o seu estylo, sempre grave, ás vezes elevado, mas nunca facil e accessivel. A poesia classica é, por conseguinte, a verdadeira antithese do espirito infantil.

Em compensação, recorri, quanto me foi possivel, á poesia popular. O povo é uma grande criança collectiva, é o eterno infante. No seu conceber as cousas, no seu sentir, no seu dizer, estão ainda presentes, como o estão nas crianças, aquellas faculdades intuitivas que presidiram, ha muitos seculos, ao alvorecer do espirito humano e produziram os mythos, as lendas, os cantos heroicos, com que, no seu berço, se embalou tão poeticamente a humanidade. Dizer popular é pois dizer infantil. Todos tem notado como

---

---

as crianças se dão bem com a gente do povo. E' que uns e outros são *simples*. E todos nos recordamos do prazer delicioso com que escutavamos, na meninice, os contos maravilhosos ou os romances e cantigas com que alguma criada velha nos sabia encurtar, como por encanto, as horas largas dos serões de inverno. E' que n'aquellas historias e n'aquelles cantares, encontrava a nossa imaginação a forma exacta dos seus indistinctos devaneios; o nosso sentimento, a expressão natural das suas vagas aspirações. Aquelles eram os symbolos proprios para a nossa ingenua concepção do ideal; e se os soubessemos compor, assim é que os teríamos composto. A voz do povo parecia-nos o echo do nosso proprio pensamento.

Lembrado d'isto, forrageei livremente no thesouro dos nossos romanceiros e cancioneiros populares, com pena de os achar tão escassos, pois confesso que, a serem elles mais vastos e tão opulentos como os da Alemanha ou dos paizes slavos, de boamente me ficára por ali, prescindindo dos recursos da poesia culta. Felizmente que esta, libertada no nosso seculo do jugo classico e inspirando-se mais frequentemente na verdade

do sentimento, pôde offerecer-me mais de uma vez composições em que o pensamento poetico, por ser consciente e culto, nada perde d'aquella graça simples e espontanea, que, na poesia popular, nos impressiona como o condão perdido da primeira innocencia.

Creio ter percorrido, para formar esta collecção, a quasi totalidade dos volumes de versos portuguezes publicados durante os ultimos sessenta annos. Se me não cega uma certa vaidade de collector entendido e exigente, penso poder responder, aos que porventura acharem esta selecta ainda assim pobre e pouco brilhante, que me não tornem a culpa a mim, mas á poesia nacional, que para mais não deu. A mim, satisfaz-me ella, reconhecendo entretanto que outra cousa seria, se feita com os materiaes da litteratura poetica da Inglaterra ou da Allemanha, as duas mais ricas do mundo. Nós somos pobres, mas ainda assim remediados.

Entendi dever abrir n'este livrinho um logar de hospitalidade franca e fraternal aos poetas brazileiros. A poesia brazileira, expressão eloquente d'uma individualidade nacional que de dia para dia se robustece, tem



já originalidade e vigor bastantes para se não confundir com a portugueza. Mas nem por isso devemos consideral-a estrangeira. E' antes uma irmã da nossa — ao mesmo tempo parecida e diversa, como costumam ser os irmãos — e, como mais môça, de feições menos definidas ainda, mas tambem mais fresca e agil na sua graça juvenil. Ha n'ella um mimo de espontaneidade e viveza natural, uma ingenuidade de sentir e de expressão, que bem revelam a alma d'uma nação joven, a quem não peza o passado nem o futuro assusta. Merecia ser mais estimada entre nós essa poesia brasileira, flor exotica desabrochada n'um ramo do velho tronco peninsular, transplantado n'outro clima e n'outro mundo, mas onde se sente inteira e vivaz, se bem com arôma diverso, a seiva primitiva.

Tomei a liberdade n'algumas composições de poetas muito distinctos e de mim muito admirados, que aqui se incluem, de supprimir uma ou outra estrophe e de substituir uma ou outra palavra, onde quer que a palavra ou a estrophe representavam idéas, sentimentos, aspectos das cousas superiores á comprehensão das crianças, ou, por ou-

ros motivos, inadequados á condição infantil. Perdoem-me os distinctos poetas tal liberdade, que não ha n'ella sombra de censura e menos ainda a estulta pretensão de corrigir quem é mestre. Tive só em vista, com essas ligeiras alterações, tornar admissiveis n'esta selecta composições (aliás bellissimas, mas que não haviam sido escriptas para crianças) que eu muito quizera aqui incluir e que d'outro modo me veria forçado a excluir.

Uma unica composição destoa da indole, ou melhor, do tom geral d'este livrinho: é a ultima da collecção, a bella ode sagrada do nosso grande poeta Alexandre Herculano. Apezar d'isso, entendi que a devia aqui incluir, abrindo em favor d'ella uma excepção. O grandioso e sublime não é certamente para as crianças; mas ha certa sublimidade que ellas sentem intuitivamente, embora não cheguem a comprehender. O sublime religioso — não dos dogmas, mas do sentimento — quando é forte e simples, como na Biblia, é capaz de produzir n'aquellas imaginações tenras, mas nada prosaicas, antes naturalmente idealistas, uma impressão profunda e salutar. O ode de Alexandre Herculano, que

parece um psalmo biblico, está n'este caso. Pelos conceitos e pelo estylo, excede em muito a intelligencia da criança: mas o sentimento simples, forte e primitivo vai-lhe direito ao coração. E' pelo menos o que posso inferir da minha propria experiencia. Teria os meus 10 annos, quando pela primeira vez a ouvi recitar a um bom padre, que me ensinava rudimentos de gramatica latina. Não ousou dizer que tivesse entendido. E, entretanto, profunda foi a impressão que recebi, como a revelação d'um mundo novo e superior, a revelação do ideal religioso. Escapava-me o sentido de muitos conceitos, a significação de muitas palavras: mas, pelo tom geral de sublimidade, pela tensão constante d'um sentimento grande e simples, aquelles versos revolviam-me, traziam-me as lagrimas aos olhos, como se me introduzissem, embalado n'uma onda de poderosa harmonia, na região das cousas transcendentales. D'ahi por diante, interrompia muitas vezes a repetição dos casos gramaticaes, para pedir ao meu paciente mentor uma nova recitação d'aquelles versos. A minha nascente intuição do ideal religioso achava uma expressão reveladora na poesia grave e penetrante d'a-

---

quelle hymno sacro. Por muito que depois aprendesse sobre as cousas transcendentés, aquella impressão ficou — e considero-a boa.

Fecho aqui esta Advertencia. Disse já o bastante para dar uma idéa do fim que me propuz e do espirito que presidiu á composição d'esta selectasinha. Cuido ter proporcionado á infancia uma leitura, que, sendo simples, não é futil. Aqui encontrarão os tenros espiritos razão e bellos sentimentos, sob uma forma ductil e facil, que lh'os torne comprehensíveis. A criança, como o adulto, precisa de ideal. Sómente a criança sente-o e percebe-o por um modo seu — mas nem por isso o reclamam menos imperiosamente os seus instinctos espirituaes. Se as mães de familia e os mestres intelligentes acolherem com favor este livrinho, applaudir-me-hei por este pequeno serviço prestado á causa da educação.





## JESUS POBRESINHO

---

Vindo um lavrador da arada,  
Encontrou um pobresinho;  
O pobresinho lhe disse:  
—Tenho fome e tenho frio;  
Lavrador, por Deus te peço,  
Leva-me no teu carrinho.—  
Deu-lhe a mão o lavrador,  
No carro já o mettia;  
A' sua casa o levava,  
A' melhor sala que tinha.  
Mandou-lhe fazer a ceia,  
Do melhor manjar que havia;  
Sentou-o á sua meza,  
Co'a sua mão o servia.  
Mandou-lhe fazer a cama,  
Da melhor roupa que tinha;  
Por baixo damasco roxo,  
Por cima cambraia fina.

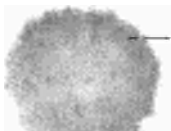
Era meia noite em ponto,  
O pobresinho gemia.  
Levantou-se o lavrador,  
A ver o que o pobre tinha :  
Deu-lhe o coração um baque,  
Como elle não ficaria...  
Achou-o crucificado  
N'uma cruz de prata fina !

—Meu Senhor, quem tal soubera,  
Que em minha casa vos tinha...  
Mandara fazer preparos,  
Do melhor que n'ella havia ;  
Mandara fazer preparos,  
Do melhor que se acharia...  
—Cala, cala, oh lavrador,  
Não fales com phantasia...  
No céu te tenho guardada  
Cadeira de prata fina ;  
Tua mulher a teu lado,  
Que tambem o merecia.

ROMANCE POPULAR



## BENÇÃOS



Bem hajas, oh luz do sol,  
Dos orphãos gasalho e manto,  
Immenso, eterno pharol  
D'este mar largo de pranto !

Bem hajas, agüa fonte,  
Que não desprezas ninguem !  
Bem haja a urze do monte,  
Que é lenha de quem não tem !

Bem hajam rios e relvas,  
Paraiso dos pastores !  
Bem hajam aves das selvas,  
Musica dos lavradores !

Bem haja o reino dos ceus,  
Que aos pobres dá graça e luz !  
Bem haja o templo de Deus,  
Que tem sacramento e cruz !



Bem haja o cheiro da flor,  
Que alegre o lidar campestre ;  
E o regalo do pastor,  
A negra amora silvestre !

Bem haja o repouso á sesta  
Do lavrador e da enxada ;  
E a madre-silva modesta,  
Que espreita á beira da estrada !

Triste de quem der um ai  
Sem achar ecco em ninguem !  
Felizes os que têm pae,  
Mimosos os que têm mãe !

THOMAZ RIBEIRO.



---

## A VOLTA DA PRIMAVERA

---

Foi-se a quadra fria!  
Os bons dias tornam!  
Olha como adornam  
Graças os rosaes!

Olha o mar, que espelho!  
Como nadam mansos,  
Mergulhando, os gansos  
Pelos seus christaes!

Como os groues viajam!  
Que aureo sol tão limpo!  
Claro o azul do Olympo  
Nuvens já não tem!

Em teus chãos lavrados,  
Lavrador, exulta!  
A semente occulta  
Já viçando vem!

O olival rebenta,  
Pompa verde e prata!  
Pampanos desata  
Bacchico vinhal!

D'entre as folhas novas  
Ri na flor a fructa!  
Vê! repara! escuta!  
Festa universal!

A. F. DE CASTILHO



---

## A NAU CATHRINETA

---

Lá vem a nau Cathrineta,  
Que tem muito quē contár!  
Escutae-me bem attentos,  
Que esta historia é de pasmar.

Passava mais de anno e dia  
Que iam na volta do mar,  
Já não tinham que comer,  
Já não tinham que manjar.  
Deitaram solla de molho  
Para o outro dia jantar;  
Mas a solla era tão rija  
Que a não puderam tragar.  
• Deitam sortes á ventura  
Qual se havia de matar;  
Logo foi cair a sorte  
No capitão general.

—Sobe, sobe, marujinho,  
A'quelle mastro real,

Vê se vês terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.

—Não vejo terras de Hespanha,  
Nem praias de Portugal;  
Vejo sete espadas nuas,  
Que estão para te matar.

—Acima, acima, gageiro,  
Acima, ao tope real!

Vê se vês terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.

—Alviçaras, capitão,  
Meu capitão general!

Já vejo terras de Hespanha,  
Areias de Portugal.

E lá vejo tres meninas  
Debaixo d'um laranjal:

Uma sentada a cozer,  
Outra na roca a fiar,  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.

—Todas tres são minhas filhas,  
Oh quem m'as dera abraçar!

A mais formosa de todas .  
Comtigo a hei-de casar.

—A vossa filha não quero,  
Que vos custou a criar.

—Dar-te-hei tanto dinheiro

Que não o possas contar.  
—Não quero o vosso dinheiro  
Que vos custou a ganhar.  
—Dou-te o meu cavallo branco,  
Que nunca houve outro igual.  
—Não quero o vosso cavallo  
Que vos custou a ensinar.  
—Dar-te-hei a nau Cathrineta,  
Para n'ella navegar.  
—Não quero a nau Cathrineta,  
Que não a sei governar.  
—Que queres tu, meu gageiro,  
Que alviçaras te hei-de dar?  
—Capitão, quero a tua alma  
Para commigo a levar.  
—Renegõ de ti, demonio,  
Que me estavas a tentar!  
A minha alma a Deus pertence,  
O corpo dou eu ao mar.

Tomou-o um anjo nos braços,  
Não o deixou affogar.  
Deu um estouro o demonio,  
Acalmou-se o vento e o mar,  
E á noite a nau Cathrineta  
A bom porto foi parar.

ROMANCE POPULAR

## A AVÓ

A avó, nos tremulos dedos  
Mal sustendo o leve fuso,  
Ouve ao longe o som confuso  
D'uns innocentes brinquedos.

—Achando aberto o jardim,  
(Diz a velha) é sempre assim:  
São como as aves inquietas...  
Nem eu sei quem voa mais,  
Se os incançaveis pardaes,  
Se as minhas queridas netas—

E a avó, nos tremulos dedos  
Fazendo girar o fuso,  
Ouve a rir o som confuso  
Dos taes longinquos brinquedos.

Eis principia a assomar,  
Da cadeira no espaldar,  
A face risonha e linda

D'uma das netas; e a avó,  
Pensando que está bem só,  
Fala das netas ainda.

Fala, e nos tremulos dedos  
Fazendo girar o fuso,  
Ouve a rir o som confuso  
Dos taes longinquos brinquedos.

N'isto um rosario, que está  
Pendurado ha muito já  
N'um dos braços da cadeira,  
Escorrega e cáe ao chão,  
Por lhe haver tocado a mão  
D'aquella infantil brêjeira...

E a avó, dos tremulos dedos  
Deixando cair o fuso,  
Já não ouve o som confuso  
Dos taes longinquos brinquedos;

Mas assustada, ao sentir  
O seu rosario cair,  
Volta a nevada cabeça  
E inda distingue o rumor,  
Que faz, pelo corredor,  
A neta, fugindo á pressa.



E, do cesto das meadas,  
A avó, levantando o fuso,  
Ouve a rir um som confuso  
De longinquas gargalhadas...

GUILHERME BRAGA



---

---

## CONTO

---

Houve em tempo uma menina,  
De seis annos, pouco mais,  
Chamada ella Angelina,  
Que era o encanto dos paes.

Os paes eram pobresinhos:  
Não a podiam trazer  
Bem vestida, coitadinhos,  
Mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado:  
E vestir bem, vestir mal,  
Andar limpinho aceado  
E' o ponto principal.

Ella, o cabello, as orelhas,  
O rosto, o pescoço, emfim  
As mesmas chitinhas velhas  
Cheiravam a alecrim!

Só isso, fosse ella cega,  
Lhe dava graça a valer,  
Quanto mais que era tão meiga  
Que mais não podia ser.

A's vezes que não havia  
Nem um bocado de pão,  
E a pobre mãe não podia  
Disfarçar a afflicção;

Já ella, toda anciada  
Por ver a chorar a mãe,  
Principiava, coitada,  
Com as lagrimas tambem:

— Não sei porque se consome  
Em não tendo que me dar;  
A mim não me custa a fome,  
Custa-me vel-a chorar!

E beijando e abraçando  
A mãe, para a distrahir,  
Toda trémula chorando,  
Fingia que estava a rir...

Quando chegou á idade  
De já dizer tudo bem,

Claro e com facilidade,  
A mãe fez o que convém,

Pôl-a ná escola; que a gente  
Não é como os animaes,  
Que vêem unicamente  
Com os olhos, nada mais.

Quem teve a grande desgraça  
De não aprender a ler  
Sabe só o que se passa  
No lugar onde estiver;

Assim como um porco immundo  
Só vê dois palmos de chão:  
Do mais que vae pelo mundo  
Nunca pode dar razão!

Pôl-a na escola que havia,  
D'uma senhora de bem  
Que ensinava—e recebia  
Só dos ricos—mais ninguém.

Lá a levou vestidinha  
Pobrememente, já se vê,  
E toda envergonhadinha,  
Talvez sem saber de quê;

E a mestra (que se a algumas  
Tratava com mais amor  
Era ás pobres) disse a umas  
Das que trajavam melhor;

—Todas são alumnas minhas,  
Aqui todas são iguaes...  
E ás vezes as pobresinhas  
Tendo menos, valem mais...

Façam logar as meninas  
A esta que agora vem. ●  
Como é das mais pequeninas,  
No meio, ahi, fica bem.

E ella sentou-se no meio  
Das taes, por signal até  
Mostrando certo receio  
De se lhes chegar ao pé.

Com effeito, era mania  
Das taes meninas mofar  
D'alguma que não podia  
Tanta riqueza ostentar.

E mal viram descuidada  
A mestra com outras, diz

A que era mais estouvada,  
Zombando da infeliz:

—Quem lhe deu esse vestido?  
Isso era de sua mãe?  
Porque lhe está tão comprido...  
Isso que prestimo tem?

Diz a outra:—Olha que fita  
Do cabelo!—era melhor  
Atal-o com uma guita...  
Já nem se lhe sabe a côr!

Assim levaram o dia,  
A ponto que já as mais  
Entravam na zombaria  
Que estavam fazendo as taes.

A pobre, com a vergonha  
Por que a fizeram passar,  
A' noite deita-se e sonha...  
Que havia d'ella sonhar?

Que vê cair uma estrella  
Do grande collar de Deus,  
Tão brilhante que só ella  
Alumiava esses céus!

E a estrella vinha descendo,  
Amparando-se no ar,  
Como uma pomba sustendo  
As azas para pousar.

E pousou a poucos passos,  
E ella, cega do esplendor,  
Sente que a tomam nos braços  
E beijam com muito amor.

Beijos como só lhe dera  
A propria mãe que a criou;  
Mas essa mãe... bem não era...  
Qual era?... E n'isto acordou.

Abre os olhos, vê na mesa  
Onde a mãe tinha uma cruz,  
Oh que enxoval!... que riqueza!...  
E põe-se:—Jesus! Jesus!

Acode a mãe e pasmada,  
Espantada do que vê,  
De mãos postas, ajoelhada,  
Reza sem saber o quê.

Ergue-se então e desdobra  
Uma capa, um chale, um véo,

Vestidos muitos de sobra,  
E tudo feito do céu:

D'aquella seda tão pura,  
De tão delicada côr,  
Que a gente vê n'essa altura  
Onde está nosso Senhor;

Toda ella entremeada  
De estrellinhas taes e quaes  
A's d'uma noite estrellada,  
Brilhantes como crystaes.

Ao outro dia Angelina  
Vae á escola, e mal entrou  
Parece que a luz divina  
Toda a casa alumiou!

Oh como aquellas vaidosas  
Não haviam de ficar!  
De vergonha, as presumpçosas  
Nem levantavam o olhar...

Assim é que a Providencia  
Costuma fazer aos vis  
Que levam a insolencia  
A zombar d'um infeliz.

JOÃO DE DEUS.



## O ROSARIO

Quando, á noite, contemplo taciturno  
Estas contas antigas, o rosario  
    Das minhas orações,  
Vejo em minh'alma o poema legendario  
Dos velhos tempos das longinquas eras  
    De santas devoções.

A cruz eburnea, onde agoniza Christo,  
E' de um lavor subtil, que nos revela  
    Um genio magistral,  
Obra de monge em merenchoria cella,  
Piedoso artista ha muito adormecido  
    Em velha cathedral.

Tem seculos: talvez que n'estas contas  
Passasse outr'ora suas mãos esguias  
    A castellã senil,  
Pensando triste nos ditosos dias,  
Em que a seus pés um menestrel vibrava  
    O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse  
As saudades da noiva lacrymante,  
    Que de balde esperou,  
Em cada náu, que vinha do Levante,  
O seu donzel amado, que partira  
    E nunca mais voltou.

Sobre a cóta de um joven cavalleiro,  
Que o beijava por noites estrelladas,  
    Pensando em sua mãe,  
Elle assistiu ás guerras das cruzadas,  
Atravessou talvez a Terra-santa  
    E viu Jerusalém.

Talvez alguma freira, em triste claustro,  
De seus annos na doce primavera,  
    Só d'elle confiou  
Seus loucos sonhos de fallaz chimera,  
E, apertando o rosario ao peito ancioso,  
    Consolada expirou.

Isto o que leio no rosario antigo:  
E quando melancholico lhe beijo  
    As contas de marfim,  
No ar escuto indefinido harpejo,  
E então a crença, a mystica toada  
    Murmura dentro em mim.

A. C. GONÇALVES CRESPO.

CANÇÃO DA ENGEITADA

---

Eu não tenho pae nem mãe,  
Nem n'este mundo parentes,  
Sou filha das tristes hervas,  
Neta das aguas correntes.

Os meus paes me abandonaram,  
Foram-se todos os meus,  
Sou dos filhos da desgraça,  
Só tenho a graça de Deus.

Caridade abriu-me os braços,  
N'elles meus olhos abri;  
Não tem o mundo outro amparo'  
Para me amparar a mim.

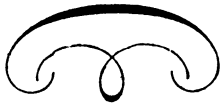
Vivo como em terra extranha,  
Não conhecendo ninguém;  
Vivo como peregrino  
Que vê tudo e nada tem.

---

Ai, quem me dera ter mãe,  
Inda que fosse uma silva!  
Inda que ella me arranhasse  
Sempre eu era sua filha...

Chorae, meus olhos, chorae,  
Que o chorar não é desprezo:  
Tambem a Virgem chorava  
Quando viu seu filho prezo.

CANÇÃO POPULAR.



## MINHA MÃE

Da patria formosa distante e saudoso,  
Chorando e gemendo meus cantos de dor,  
Eu guardo no peito a imagem querida  
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:  
—Minha mãe!—

Nas horas caladas das noites de estio,  
Sentado sósinho co'a face na mão,  
Eu choro e soluço por quem me chamava  
O filho querido do seu coração:  
—Minha mãe!—

No berço, pendente dos ramos floridos,  
Em que eu pequenino feliz dormitava,  
Quem é que esse berço com todo o cuidado  
Cantando cantigas alegre embalava?  
—Minha mãe!—

De noite, alta noite, quando eu já dormia,  
Sonhando esses sonhos dos anjos dos ceus,

Quem é que meus labios dormentes roçava,  
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?

—Minha mãe! \

Feliz o bom filho, que pode contente  
Na casa paterna, de noite e de dia,  
Sentir as caricias do anjo de amores,  
Da estrella brilhante que a vida nos guia:

—Uma mãe!—

Por isso eu agora, na terra do exilio,  
Sentado sósinho co'a face na mão,  
Suspiro e soluço por quem me chamava:  
«Oh filho querido do meu coração!»

—Minha mãe!—

CASIMIRO DE ABREU



## SANTA IRIA

Estando eu á janella, co'a minha almofada,  
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada:  
Meu pae lh'a negou: quanto me eustava!

—Já vem vindo a noite, é tão só a estrada...  
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada  
Se fecha esta porta á noite cerrada.—

Roguei e pedi, muito lhe pesava!  
Mas eu tanto fiz, que por fim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui calado entrava:  
Ao lar o levei, logo se assentava.

A's mãos lhe dei agua, elle se lavava;  
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Fui-lhe pôr a ceia, muito bem ceava;  
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava:  
Tão má cortezia nunca a vi usada!

Lá por meia noite, que me eu suffocava,  
Elle que me leva com a bocca tapada...

Leva-me a cavallo, nem fala me dava,  
Correndo, correndo, sempre á desfilada.

Lá por madrugada, que me perguntava:  
Eu na minha terra como me chamava.

—Chamava-me Iria, Iria a fidalga,  
Por aqui agora Iria a coitada!

—Por essa palavra serás degolada!  
Junto d'este outeiro serás enterrada.

Tirou do alfange, ali me matava;  
Abriu uma cova, n'ella me enterrava.

Sómente os cabellos, co'a pressa em que estava,  
Meus longos cabellos de fóra deixava.

No fim de sete annos passa o cavalleiro,  
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.



—Dizei-me, pastores, pastores, dizei-m'os,  
Que ermida é aquella, que alveja no outeiro?

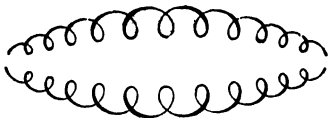
—E' de Santa Iria, senhor cavalleiro,  
Que ali degolaram n'aquelle penedo.

—Minha Santa Iria, meu amor primeiro,  
Se me perdoares serei teu romeiro.

—Perdoar como hei-de, ladrão carniceiro,  
Que me degolaste que nem um cordeiro.

Veste-te de azul, que é a côr do céu;  
Se o céu te perdoa, perdoar-te quero.

ROMANCE POPULAR.



---

---

## PRECE AO ROMPER D'ALVA

---

Além, de traz da montanha,  
Branda luz se patenteia,  
Que a dôr nocturna afugenta  
Da alma, que sentida aneia.

Branda luz, que afaga a vista,  
E que vem o céu tingir,  
Quando entre o azul transparente  
Parece alegre sorrir;

Como és linda! como dobras  
Da vida a força e o amor!  
Como se insinua na alma  
Teu luzir encantador!

No teu ameno silencio  
A tormenta se perdeu,  
E do mar a forte vida  
Nos abysmos se escondeu!

Porque assim de novo, agora  
Que o vento o não vem toldar,  
Parece que vai queixoso  
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredado,  
Bem como as ondas do mar,  
Sem correr sopro de vento,  
Começam a murmurar?

Sobre o tapete da relva,  
A verde folha inclinada  
Destilla gotas de orvalho,  
Rocio da madrugada.

Renascida a natureza  
Parece sentir amor;  
Mais brilhante, mais viçosa,  
O calix levanta a flor.

Por entre as ramas occultas,  
Docemente a gorgear,  
Acordam trinando as aves,  
Alegres no seu trinar.

O arvoredado n'essa lingua  
Que diz, porque assim susurra?

Que diz o cantar das aves?  
Que diz o mar que murmura?

Dizem um nome sublime,  
O nome do que é Senhor,  
Um nome que os anjos dizem,  
O nome do Creador.

Tambem eu, Senhor, direi  
Teu nome, do coração,  
E juntarei o meu hymno  
Ao hymno da criação.

Quando a dor meu peito acanha,  
Quando me rala a afflicção,  
Quando nem tenho na terra  
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano  
Livas meu peito arquejante,  
Seccas-me o pranto, que os olhos  
Estão vertendo abundante.

Tu pacificas minha alma,  
Quando se rasga com pena,  
Como a noite que se esconde  
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,  
Tu és o ser creador,  
Tu és o amor, és a vida,  
Tu és meu Deus, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,  
Direi ao romper da aurora:  
—Tu és o Deus do universo,  
O Deus que minha alma adora!

A. GONÇALVES DIAS



## AQUELLA VELHA!

Aquella velha, coitada!  
Se lhe soubessem a vida,  
Não passaria na estrada  
Assim desapercibida.

Vive só; mas vive agora,  
Que n'um tempo já volvido,  
Houve na casa em que mora  
Filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido  
D'uma morte desastrosa:  
Com o coração partido  
Resou por elle, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos  
No tempo da epidemia:  
Ella com os mesmos modos  
Resou de noite e de dia.

Ficára só com tres netos;  
Morreram de tenra idade:  
E ella, viuva de affectos,  
Venceu, resando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta  
Aquella alma atribulada?  
E' a fé, que lhe alimenta  
Uma crença inabalada.

Ai, quem me dera esse alento  
N'estes combates da sorte!  
Que paz para o pensamento!  
Que paz na hora da morte!

JULIO DINIZ



## HYMNO DE AMOR

Andava um dia  
Em pequenino,  
Nos arredores  
De Nazareth,  
Em companhia  
De São José,  
O Deus-Menino,  
O Bom-Jesus.  
Eis senão quando  
Vê n'um silvado  
Andar piando  
Arrepiado  
E esvoaçando  
Um rouxinol,  
Que uma serpente  
De olhar de luz  
Resplandecente  
Como a do sol,  
E penetrante



Como diamante,  
Tinha attrahido,  
Tinha encantado.

Jesus, doído  
Do desgraçado  
Do passarinho,  
Sáe do caminho,  
Corre apressado,  
Quebra o encanto;  
Foge a serpente;  
E de repente  
O pobresinho,  
Salvo e contente,  
Rompe n'um canto  
Tão requerado,  
Ou antes pranto  
Tão soluçado,  
Tão repassado  
De gratidão,  
D'uma alegria,  
Uma expansão,  
Uma vehemencia,  
Uma expressão,  
Uma cadencia,  
Que commovia  
O coração!

Jesus caminha,  
No seu passeio;  
E a avesinha  
Continuando  
No seu gorgoeio,  
Em quanto o via:  
De vez em quando  
Lá lhe passava  
A' dianteira,  
E mal pousava,  
Não afrouxava  
Nem repetia,  
Que redobrava  
De melodia!

Assim foi indo  
E o foi seguindo.  
De tal maneira  
Que noite e dia  
N'uma palmeira,  
Que havia perto  
Donde morava  
Nosso Senhor  
Em pequenino,  
(Era já certo)  
Ella lá estava  
A pobre ave

Cantando o hymno  
Terno e suave  
Do seu amor  
Ao Salvador!

JOÃO DE DEUS



---

---

## O CAÇADOR

### E A DONZELLA ENCANTADA

---

O caçador vai á caça  
A' caça de montaria:  
Os cães já leva caçados,  
O falcão perdido havia.  
Andando se lhe fez noite,  
Por uma mata sombria,  
Arrimou-se a uma azinheira,  
A mais alta que ali via.  
Foi a levantar os olhos,  
Vió cousa de maravilha:  
No mais alto da ramada,  
Uma donzella tão linda!  
Dos cabellos da cabeça  
A mesma arvore vestia,  
Da luz dos olhos tão viva .  
Todo o bosque se allumia.

Ali falou a donzella,  
Já vereis o que dizia:  
—Não te assustes, cavalleiro,  
Não tenhas tanta agonia:  
Sou filha d'um rei coroado,  
De uma bemdita rainha:  
Sete fadas me fadaram;  
Nos braços de mi'madrinha,  
Que estivesse aqui sete annos,  
Sete annos e mais um dia:  
Hoje se acabam os annos,  
Amanhã se conta o dia.  
Leva-me, por Deus t'o peço,  
Leva em tua companhia.  
—Espera-me aqui, donzella,  
Té amanhã, que é o dia:  
Que eu vou-me a tomar conselho,  
Conselho com minha tia.—  
Responde agora a donzella,  
Que bem que lhe respondia!  
—Oh, mal haja o cavalleiro,  
Que não teve cortezia:  
Deixa a menina no monte,  
Sem lhe fazer companhia!

Ella ficou no seu ramo,  
Elle foi-se a ter co'a tia.

Já voltava o cavalleiro,  
Apenas que rompe o dia;  
Corre por toda essa mata,  
A enzinha não descobria.  
Vai correndo e vai chamando,  
Donzella não respondia:  
Deitou os olhos ao longê,  
Vio tanta cavallaria,  
De senhores e fidalgos  
Muito grande tropelia.  
Levavam a linda infanta,  
Que era já contado o dia.  
O trote do cavalleiro  
Por morto no chão caía;  
Mas já tornava aos sentidos  
E a mão á espada metia:  
Quem perdeu o que eu perco  
Grande penar merecia!  
Justiça faço em mim mesmo  
E aqui me acabo co'a vida.

ROMANCE POPULAR



## BARCA BELLA

Pescador da barca bella,  
Onde vais pescar com ella,  
Que é tão bella,  
Oh pescador?

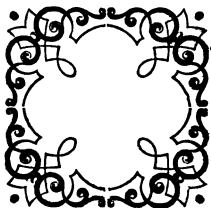
Não vês que a ultima estrella  
No céu nublado se vela?  
Colhe a vela,  
Oh pescador!

Deita o lanço com cautella,  
Que a sereia canta bella...  
Mas cautella,  
Oh pescador!

Não se inrede a rede n'ella,  
Que perdido é remo e vela,  
Só de vel-a,  
Oh pescador!

Pescador da barca bella,  
Inda é tempo, foge d'ella,  
Foge d'ella,  
Oh! pescador!

ALMEIDA GARRETT





## A TEMPESTADE

—Minha mãe, eu tenho medo  
Muito medo dos trovões!  
—Cobra animo, meu filho,  
Reza as tuas orações.

Deita-te aqui no meu collo;  
Chega-te bem, meu amor:  
Os trovões que estás ouvindo  
São castigo do Senhor.

Dize-me agora em segredo,  
Fizeste hoje mal a alguém?  
Talvez mentisses, meu filho?  
Quem mente nunca faz bem.

—Hoje não, que me não lembra;  
Hontem sim, isso menti:  
Minha mãe, será castigo  
Que vem por amor de mim?

—A culpa é leve, meu filho,  
Para castigo tão crú.  
A' tua mãe não se mente:  
Diz, que mais fizeste tu?

—Hontem, brincando, queimei-me,  
Queimei-me n'aquella luz;  
Com a dor talvez falasse  
No inimigo da cruz.

—Falar no demo é peccado,  
Isso é, que eu bem o sei:  
Mas castigo só por isso,  
E' tão grande... não direi.

—Não me lembro de mais nada;  
Só se foi... mas isso não,  
Por não ter dado a um pobre  
A metade do meu pão.

—Pois o castigo, meu filho,  
E' pela esmola não dar;  
Deves depressa chamal-o  
Se elle tornar a passar.

—Minha mãe, o pobresinho  
E' aquelle que além vem.

—Vae já buscal-o, meu filho,  
Que bastante fome tem.

Olha agora, vês as nuvens  
Como ellas fugindo vão?  
Desde que o pobre chamaste  
Já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,  
E' um preceito de Deus;  
A quem a cumpre devéras.  
Ajuda-lhe Deus os seus.

—Pois hei-de dar mil esmolaç,  
Quando chegar a ser rei;  
Hei-de cumprir como devo  
Com os preceitos da lei.

—E's muito criança ainda!  
Quem dá aquillo que tem  
Cumpre um santo mandamento,  
Não tem inveja a ninguem.

Olha o céu, como está lindo!  
Vae pelos campos-brincar,  
Que o pobresinho cá fica,  
Ha-de comnosco jantar.

L. A. PALMEIRIM

## AVE, MARIA!

No sino da freguezia  
Os badalados ouvi.  
Sobre a terra humida e fria,  
De joelhos, mesmo aqui,  
Oremos, que é findo o dia:  
Ave, Maria!

Descendo da serrania,  
Já o pastor ao curral  
Os fartos rebanhos guia:  
De abundancia, ao de hoje igual,  
Dá-lhe amanhã outro dia,  
Virgem Maria!

A mãe, que o filhinho cria,  
Já no berço o vae deitar:  
Um somno tranquillo envia  
Sobre o seu tecto pousar  
Até ao romper do dia,  
Virgem Maria!

Não deixes a ventania  
As negras azas abrir:  
Do p'riço o nauta desvia,  
Dá-lhe uma estrella a luzir  
Como luz o sol de dia,  
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria,  
Ao que tem fome dá pão,  
A quem teu nome injuria  
Dá sincera contricção  
Antes do extremo dia,  
Virgem Maria!

Ao moribundo abrevia  
As horas do padecer;  
Livra-o de grande agonia;  
Leva-o, depois de morrer,  
Ao mundo do eterno dia,  
Virgem Maria!

F. PALHA.



---

---

# INVOCACÃO A DEUS

ANTES DE COMEÇAR O ESTUDO

---

Tu, cujo amor em canticos  
Celebram sem cessar  
O mundo dos espiritos,  
O céu, a terra, o mar!

Senhor, acolhe as súplicas  
De pobres filhos teus!  
Melhora-nos! illustra-nos!  
Ampara-nos, oh Deus!

A' luz disseste: Faça-se!  
E a noite em luz se fez:  
Dissipe igual prodigio  
A sombra em que nos vês!

Nas trevas da ignorancia  
Não medra o santo amor.  
Illustra-nos! melhora-nos!  
Senhor! Senhor! Senhor!

A. F. DE CASTILHO

5

## CANÇÃO DA ORPHÃ

(À COSTURA)

Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era todo o meu amor.  
Seu cabelo era tão ~~louro~~  
Que nem ~~uma~~ fita de ouro  
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas,  
Que caíam tão compridas,  
Vinhão-lhe os pés beijar.  
Quando ouvia as minhas queixas,  
Em suas aureas madeixas  
Ella vinha-me embrulhar.

Tambem, quando toda fria,  
A minha alma estremecia,  
Quando ausente estava o sol,  
Os seus cabellos compridos,  
Como fios aquecidos,  
Me serviam de lençol.

Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era todo o meu amor.  
Seus olhos eram suaves,  
Como o gorgueio das aves  
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella...  
Eu me lembro tanto d'ella,  
De tudo quanto era seu!  
Tenho em meu peito guardadas  
Suas palavras sagradas,  
E os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes  
Foram por largos instantes  
Ensinados pelos seus.  
Os meus labios mudos, quedos,  
Abertos pelos seus dedos,  
Pronunciaram-me — Deus!

Mais tarde, quando acordava,  
Quando a aurora despontava,  
Erguia-me a sua mão.  
Falando pela voz d'ella,  
Eu repetia singela  
Uma formosa oração.



Minha mãe era mui bella...  
Eu me lembro tanto d'ella,  
De tudo quanto era seu!  
Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era tudo e tudo meu.

Estes pontos que eu imprimo,  
Estas quadrinhas que eu rimo,  
Foi ella que me ensinou.  
As vozes que eu pronuncio,  
Os cantos que eu balucio,  
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe!—diz-me esta vida,  
Diz-me tambem esta lida,  
Este retroz, esta lâ:  
Minha mãe!—diz-me este canto;  
Minha mãe!—diz-me este pranto;  
Tudo me diz—Minha mãe!

Minha mãe era mui bella...  
Eu me lembro tanto d'ella,  
De tudo quanto era seu!  
Minha mãe era bonita,  
Era toda a minha dita,  
Era tudo e tudo meu.

L. JUNQUEIRA FREIRE

## AS FADAS

As fadas... eu creio n'ellas!  
Umás são môças e bellas,  
Outras, velhas de pasmar...  
Umás vivem nos rochedos,  
Outras, pelos arvoredos,  
Outras, á beira do mar...

Algumas em fonte fria  
Escondem-se, em quanto é dia,  
São só ao escurecer...  
Outras, debaixo da terra,  
Nas grutas verdes da serra,  
E' que se vão esconder...

O vestir... são tâes riquezas,  
Que rainhas nem princezas  
Nenhuma assim se vestiu!  
Porque as riquezas das fadas  
São sabidas, celebradas  
Por toda a gente que as viu...

Quando a noite é clara e amena  
E a lua vae mais serena,  
Qualquer as pode espreitar,  
Fazendo roda, occupadas  
Em dobar suas meadas  
De ouro e de prata, ao luar.

O luar é os seus amores!  
Sentadinhas entre as flores,  
Ficam-se horas sem fim,  
Cantando suas cantigas,  
Fiando suas estrigas,  
Em roca de ouro e marfim.

Eu sei os nomes d'algumas.  
Viviana ama as espumas  
Das ondas, nos areaes.  
Vive junto ao mar, sósinha,  
Mas costuma ser madrinha  
Nos baptisados reaes.

Morgana é muito enganosa:  
A's vezes, môça e formosa,  
E outras, velha, a rir, a rir...  
Ora festiva, ora grave,  
E voa como uma ave,  
Se a gente lhe quer bulir.

Que direi de Melusina?  
De Titania, a pequenina,  
Que dorme sobre um jasmim?  
De cem outras, cuja gloria  
Enche as paginás da historia  
Dos reinos de el-rei Merlin?

Umás têm mando nos ares;  
Outras, na terra, nos mares;  
E todas trazem na mão  
Aquella vara famosa,  
A vara maravilhosa,  
A varinhá de condão!

O que ellas querem, n'um prompto  
Fez-se ali! parece um conto...  
Mesmo de fadas... eu sei!  
São condões, que dão á gente,  
Ou dinheiro reluzente,  
Ou joias, que nem um rei!

A mais pobre criancinha,  
Se quiz ser sua madrinha,  
Uma fada... ai, que feliz!  
São palacios, n'um momento...  
Belleza, que é um portento...  
Riqueza, que nem se diz...'

Ou então, prendas, talento,  
Sciencia, discernimento,  
Graças, chiste, discrição...  
Vê-se o pobre innocentinho  
Feito um sabio, um adivinho,  
Que aos mais sabios vae á mão!

Mas, com-tudo isto, as fadas  
São muito desconfiadas:  
Quem as vê não ha-de rir.  
Querem ellas que as respeitem,  
E não gostam que as espreitem,  
Nem se lhes ha-de mentir.

Quem as offende... cautela!  
A mais risonha, a mais bella  
Torna-se logo tão má,  
Tão cruel, tão vingativa!  
E' inimiga aggressiva,  
E' serpente que ali está!

E têm vinganças terriveis!  
Semeiam cousas horriveis,  
Que nascem logo do chão...  
Lingoas de fogo, que estalam!  
Sapos com azas, que falam!  
Um anão preto! um dragão!

Ou deitam sortes na gente...  
O nariz faz-se serpente,  
A dar pulos, a crescer...  
E'-se morcego ou veado...  
E anda-se assim encantado,  
Em quanto a fada quizer !

Por isso, quem por estradas  
For de noite e vir as fadas,  
Nos altos, mirando o céu,  
Deve com geito falar-lhes,  
Ser mui cortez e tirar-lhes  
Até ao chão o chapéu.

Porque a fortuna da gente  
Está ás vezes sómente  
N'uma palavra que diz.  
Por uma palavra, engraça  
Uma fada com quem passa  
E torna-o logo feliz.

Quantas vezes, já deitado,  
Mas sem somno, inda acordado,  
Me ponho a considerar,  
Que condão eu pediria,  
Se uma fada, um bello dia,  
Me quizesse a mim fadar...

O que seria? um thesouro?  
Um reino? um vestido de ouro?  
Ou um leito de marfim?  
Ou um palacio encantado,  
Com seu lago prateado  
E com pavões no jardim?

Ou podia, se eu quizesse,  
Pedir tambem que me desse  
Um condão, para falar  
A lingua dos passarinhos,  
Que conversam nos seus ninhos...  
Ou então, saber voar!

Oh, se esta noite, sonhando,  
Alguma fada, engraçando  
Commigo (podia ser)  
Me tocasse co'a varinha  
E fosse minha madrinha,  
Mesmo a dormir, sem a ver...

E que amanhã acordasse  
E me achasse... eu sei! me achasse  
Feito um principe, um emir!...  
Até já, imaginando,  
Meus olhos se estão fechando...  
Deixa-me já já dormir!

ANTHERO DE QUENTAL

## AS ALDEIAS

Eu gosto das aldeias socegadas,  
Com seu aspecto calmo e pastoril,  
Erguidas nas collinas azuladas,  
Mais frescas que as manhãs finas de abril.

Levanta a alma ás cousas visionarias  
A doce paz das suas eminencias,  
E apraz-nos, pelas ruas solitarias,  
Ver crescer as inuteis florescencias.

Pelas tardes das eiras, como eu gosto  
Sentir a sua vida activa e sã!  
Vel-as na luz dolente do sol posto,  
E nas suaves tintas da manhã!

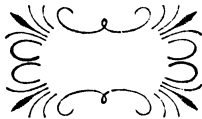
As crianças do campo, ao amoroso  
Calor do dia, folgam semi-nuas;  
E exala-se um sabor mysterioso  
Da agreste solidão das suas ruas...



Alegram as paisagens as crianças,  
Mais cheias de murmurios do que um ninho,  
E elevam-nos ás cousas simples, mansas,  
Ao fundo, as brancas velas d'um moinho.

Pelas noites de estio, ouvem-se os rallos  
Zunirem suas notas sibilantes,  
E mistura-se o uivar dos cães distantes  
Com o canto metálico dos gallos...

GOMES LEAL



CHACARA DE  
NOSSA SENHORA DA  
NAZARETH

I

Em campos de Guadalete  
Acabado se era o dia,  
Com o dia a grande batalha,  
Com a batalha a monarchia.

Os anafiles dos Mouros  
Soam brava alegria;  
Dom Rodrigo, rei dos Godos,  
A' redea larga fugia.

—Onde te vaes, Dom Rodrigo,  
Tão só, com tanta agonia?

—Vou-me a fazer penitencia,  
Que este mal Deus m'ò devia.

—Ventura de Deus te guie.

—Justiça de Deus me guie.

—Boas horas, boas fadas

Vão com tua senhoria,

Que se te cobre o descanso  
Ao cabo d'essa agra via.  
—Boa fada é a penitencia,  
Bom descanso a terra fria.

Já vae a pé do ginete,  
Que mais correr não podia;  
Com o saial d'um pegureiro  
Trocou galas que trazia.

Assim pobre e quebrantado  
Aberta uma egreja via;  
Era de um mosteiro grande,  
Cauliana se dizia.

Idos se eram já os monjes,  
Alfaias e pedraria;  
El-rei, vendo a casa nua,  
Em lagrimas se fundia.

Suas faces affrontava,  
Os seus cabellos carpia,  
E, por de tudo ser causa,  
Mui grande mal se queria.

Um só monge que ficára  
(Romano por nome havia)

Lá d'onde estava pousando  
Estas lastimas ouvia.

E descendo a toda a pressa,  
O viu que em terra jazia,  
Estirado e a côr defunta,  
Aos pés da Virgem Maria.

Soccorrido do bom velho  
Dom Rodrigo em si volvia,  
E o segredo de quem era  
Em confissão lhe dizia:

Que de seu perdido reino  
Mais nada não pretendia  
Senão só findar a vida  
N'alguma cova sombria,

Fazendo mil penitencias  
Cada hora e cada dia,  
Comendo só das raizes  
E pousando em terra fria.

Confessado e commungado,  
Como a bom christão cumpria,  
Só, qual veio, ia abalar-se;  
O monge o não consentia:

—Sim que ireis, mas não sósinho,  
Eu vos darei companhia;  
Companhia que heide dar-vos  
Nunca assim rei a teria.

Mais é que espadas e lanças,  
Peões nem cavallaria,  
Mais é que exercitos de anjos,  
Pois é a Virgem Maria.

Nazareth, em Terra Santa,  
Esta imagem possuia,  
Mui venerada das gentes  
Por milagres que fazia:

Mas vindo a ser perseguida  
Pelas furias da herezia,  
A cá se veio fugida;  
Um monge grego a trazia.

Em braços do santo velho,  
(Cyriaco se dizia)  
Morenita e graciosa  
Oh que bem que parecia!

Elle chorava de gosto,  
Ella é fama que sorria:

Acompanhavam-n'a os anjos  
Com celeste melodia.

Aqui emfim cobrou templo,  
Depois de tão larga via,  
D'onde ampara, ha largos annos,  
Esta... ha pouco monarchia!

Ora que o reino se afunde  
Com ondas de mouraria,  
Fuja comnosco por servos,  
E com Deus por sua guia.

E ditas estas palavras,  
Com grão pranto que vertia,  
Os pés beijou da Senhora,  
Os pés e as mãos á porfia:

E entregando-a a Dom Rodrigo  
Palavras taes lhe dizia:  
Dizia-as elle chorando,  
E El-rei chorando as ouvia:

—Peccador, sob'rano de homens,  
Sus! sus! cobrai-me ousadia!  
Que a santa Rainha d'anjos,  
Da Trindade companhia,

A nascida sem peccado,  
Flor de toda a galhardia,  
Luz que os infernos espanta,  
Céo, terra e mar alumia,

Por ir-se ao mesmo desterro,  
Comnosco se põe em via:  
Já nada vos dê cuidado,  
Que a Deus levamos por guia.

## II

Deserto fica o mosteiro,  
Mosteiro de Cauliana;  
Peregrinos rei e monge  
Hão passado o guadiana;

Guadiana, aquelle rio  
Que os pés ao mosteiro lava.  
Cerca das aguas o velho  
Se detinha e soluçava;

E dizia, agora olhando  
O mosteiro e agora a barca:  
—Mais perdi eu, sendo monge,  
Do que este, sendo monarcha.

Elle só perdeu estados,  
Mar que nunca tem bonança,  
E eu fujo-te, ai, cella minha,  
Minha bemaventurança !

Ficae-vos, portas abertas,  
Que mais não sereis fechadas ;  
Ficae, altares, viuvos  
D'estas reliquias sagradas.

Comnosco vêm as reliquias,  
Vós ficaes ás feras bravas...  
Adeus, rouxinol dos hortos,  
Que ás matinas acordavas,

Meu desvelo de trinta annos,  
Minha lampada dourada,  
Adeus! e adeus sepultura,  
Que eu já tinha tão marcada!—

Diz ; encommendam-se à Virgem,  
Sua guia soberana,  
E vão-se embrenhando à tóa  
Pela terra luzitana.

De povoados e caminhos  
Vão desviando as jornadas,



Rios e serras vencendo,  
Medindo noites cançadas,

Sustentando-se das hervas,  
Orando e carpindo magoas;  
Passados vinte e seis dias,  
Eis o mar das muitas aguas!

O mar, espelho de estrellas,  
O bento mar que buscaram!  
E vendo ao pé feras rochas,  
Ahi dão graças e param.

### III

No cimo do monte bravo  
Foram n'uma ermida entrar:  
Paredes, meio delidas!  
Crucifixo sobre altar!

Novas, nem signaes de gente,  
Não lh'os soube a ermida dar  
Mais do que uma campã rasa,  
Sem letras para falar.

Era sitio de tristezas,  
Tristezas vinham buscar;

E por melhor serem tristes,  
Se quizeram separar.

El-rei ficou só na erma,  
Que foi mui triste ficar!  
Passou Romano adiante,  
Não houve muito que andar:

Nas mesmas fragas marinhas  
Achou logo outro logar,  
Por escondido e medonho,  
Conforme ao seu desejar:

Jazia entre duas rochas,  
Que se arremessam a par,  
Duzentas braças a pique  
Penduradas sobre o mar!

N'uma lapa, que era em meio,  
Foi a Senhora assentar,  
Com mil desculpas e prantos  
Por tão pobre a agasalhar.

Com as magras mãos foi-lhe erguendo  
(Que mais lhe podia dar?)  
Paredes de pedra ensossa,  
Ao som d'um longo cantar:

—Senhora dos ceus, e é este  
(Lhe dizia) o teu solár?  
Pobres musgos, pobres conchas,  
Que alfaias para brilhar!

Em vez das harpas celestes,  
Ouvirás ondas roncar;  
Em vez de mil córos de anjos,  
Um só velho a te guardar;

Um só velho, vaso impuro  
Cheio de antigo peccar.  
E em chegando a minha morte,  
Que já não pode tardar,

Nem sequer um servó indigno  
Terás para te guardar,  
Nem uma voz quebrantada  
Para o teu nome entoar.

Ninguem virá renovar-te  
Os musgos do teu altar;  
Virgem minha, meus amores,  
Ai! quão só que has-de ficar.

Mas virá dia, algum dia,  
Quando o teu filho ordenar,

Que de gente baptisada  
Te vejas desencantar.

Dar-te-hão elles o que o velho  
Te não pode agora dar :  
Dar-te-hão casa, far-te-hão festas,  
Grão fama, grão triumphar.

Juntarás aqui romeiros,  
Como as ondas d'esse mar ;  
E contará teus milagres  
Quem as areias contar.

De Nazareth, por memoria,  
Terá nome este lugar ;  
Nem sitio na christandade  
Não lhe ha-de a palma levar.

Virão pobres, virão ricos,  
Vir-te-hão reis a visitar,  
Todos de ti, morenita,  
Morenita singular,

Todos de ti namorados,  
Que assim és de enamorar ;  
E os ossos nús do teu servo  
Na terra se hão-de alegrar.—

Assim cantava Romano,  
Cada dia sem faltar,  
Na madrugada, ao sol posto,  
A's estrellas e ao luar.

E aquella foi prophesia  
Que lhe Deus quiz inspirar ;  
Que por seculos ávante  
Se cumpriu todo o cantar.

Morto o velho, Dòm Rodrigo  
Se foi para não voltar ;  
E só se ouviam nas rochas  
O vento, os corvos e o mar.

#### IV

Manhãs frescas de setembro,  
Quando o orvalho está a cair,  
Frescas manhãs de setembro,  
Quem as poderá dormir !

Durma-as El-rei nos seus paços,  
E o pastor no seu redil,  
As aves nas suas folhas,  
As feras no seu covil ;



Com as damas os seus maridos ;  
Cada qual segundo a si ;  
Que para os tristes monteiros...  
Taes somnos não os ha ahí !

Em luzindo a estrella d'alva,  
E ainda antes do seu luzir,  
Dom Fuas Roupinho alcaide  
Das mantas os faz sair.

Voam corceis e sabujos ;  
Apupa, apupa clarim ;  
Que esta sina de fragueiros  
Não tem descanso nem fim.

Tremei, gandaras e montes,  
O' feras, fugi, fugi ;  
Que logo... nem pés ao gamo,  
Nem val' furia ao javali ;

Só se lhes valer a nevoa,  
Que maior nunca se viu !  
Indo todos lá perdidos,  
Buzina ao longe se ouviu...

Buzina do alcaide é ella !  
Vai a chamar... e a fugir !

Traz o som correi, cavallos,  
Em quanto se pode ouvir;

Nem caminhos, nem atalhos;  
Rasgar fragas e alcantis,  
Que este apupar de Dom Fuas  
E' de correr javalis!

Tudo ia em redemoinho...  
Homens, corceis e mastins,  
Ladridos, brados, relinchos,  
Fragor de armas e clarins!

E encontra d'onde o som vinha  
A's cegas era o seu ir;  
E a buzina era já perto...  
Quando cessou de se ouvir!

Pararam todos á escuta;  
E estando a escutar assim,  
Sentiram perto o mar fundo  
Quebrar com muito motim.

Rompeu-se com o sol a nevoa,  
E ao resplendor que luziu,  
Sobre penha, que duzentas  
Braças pende ao mar, se viu

Um cavallo! e o bom Dom Fuas,  
Que o remessára até ali,  
Saltar por terra, clamando:  
—Por ti, Senhora, é por ti!

Prostrou-se humilde e deu graças,  
Depois benzeu-se e surgiu.  
E ora ouvireis que palavras  
Aos monteiros proferiu.



—Entre este grande rochedo,  
D'onde eu me ora ia a perder,  
E ess'outro, não menos grande,  
Ambos ao mar a pender,

Uma pobre ermida é posta,  
Sem ninguem d'ella saber,  
Senão eu, que por acaso  
Um dia a cheguei a ver.

Nossa Senhora é lá dentro,  
Mui gentil no parecer,  
Com o filho nos braços,  
Que não quer adormecer.



Ou anjos a lá poriam,  
Ou monges de bom viver;  
Ou quiçá trouce-a um desejo  
De estar seus mares a ver.

Nunca a ninguem falei n'ella,  
Nem ousei de a demover,  
Que no semblante lhe via  
Como estava a seu prazer.

Ali pois se esconde aquella  
Senhora de grão poder,  
Entre estas penhas, que vedes  
Ambas no mar a pender,

Como um relicário ao collo  
D'uma piedosa mulher,  
Que entre os peitos resguardado  
Refoge de aparecer.

Com Judas traidor no inferno  
Sepultado quero ser,  
Se não foi aquella Virgem  
Quem me ora veio valer.

Andando vinha em sosinho,  
Sem me de cousa temer;

Com a nevoa não via as ondas ;  
Não as ouvia bater.

Surge-me além um veado ;  
Traz elle parto a correr ;  
Mas nem sabujos o alcançam,  
Nem lança o poude romper.

Quanto o mais sigo, mais voa !  
Satanaz deveu de ser,  
Que por caçar caçadores  
Se quiz veado fazer.

E andou na escolha acertado  
Quando bruto assim quiz ser,  
Que a unha rachada e galhos  
Não teve que os esconder.

Elle corria, eu corria,  
E a nevoa sempre a crescer ;  
Eu a apupar aos monteiros,  
E ninguem a aparecer.

Vinhamos como dois raios !  
Vejo-o desaparecer...  
Ouvi-lhe o baque nas ondas...  
Quiz o cavallo reter...

Pendo-me atraz, puxo as redeas...  
Mas com a furia de correr  
Já tinha as mãos sobre o abysmo,  
A arquejar e se torcer...

E já lhe os pés resvalavam,  
E estrebuchava a se erguer,  
E ia a baquear... — Virgem! brado :  
Valha-me o vosso poder! —

O mais vistes vós, que o sol  
Acabava de romper  
Nem maravilha mais certa  
Não creio que a possa haver.

Tendo isto ouvido, os monteiros,  
Cheios de grande prazer,  
A' cova em tropel se foram  
Graças á Virgem render.

A. F. DE CASTILHO

## AMOR FILIAL

Rompeu a aurora esplendida:  
Soltam as avesinhas  
A voz, em doces canticos,  
E as timidias florinhas  
Quão vivo aroma têm!  
Em tudo, oh Deus, adoro-te;  
Mas onde mais te vejo  
E' quando, em meigos jubilos  
De santo amor, eu beijo  
Meu pae e minha mãe!

BULHÃO PATO

## JESUS PEQUENINO

---

Estava Maria  
A' beira do rio,  
Lavando os paninhos  
Do seu bento filho.

Lavava a Senhora,  
José estendia,  
Chorava o menino  
Com frio que tinha.

Calae, meu menino,  
Calae, meu amor!  
Do mundo os peccados  
Me cortam de dor...

Os filhos dos homens  
Em berço dourado,  
E vós, meu menino,  
Em palhas deitado!

Em palhas deitado,  
Em palha esquecido...  
Filho d'uma rosa,  
D'um cravo nascido!

Os filhos dos homens  
Em berço de flores,  
E vós, meu menino,  
Gemendo com dores!

Os filhos dos homens  
Em bom travesseiro,  
E vós, meu menino,  
Prezo a um madeiro!

CANÇÃO POPULAR.



## A HERA E O ROSMANINHO

A hera e o rosmãozinho  
Cresciam n'um jardim ;  
E ao rosmãozinho a hera  
Falou um dia assim :

—«Comtigo a natureza  
Madrasta se mostrou,  
Pois para andar co'a terra  
Cosido te creou.

Commigo mais propicia,  
Deu-me subir ao ar,  
Para á ventade os ramos  
Por elle derramar.

Não vês como estou alta ?  
Que vasta sombra espalho!  
Como do vento ao sôpro  
Resisto sem trabalho !»—

—«Vejo (responde o outro)  
Tudo, que dizes, vejo;  
Porém, do meu contente,  
Teu fado não invejo.

Tu sobes muito, é certo,  
Mas com auxilio alheio,  
Porque esse ulmeiro achaste  
Que te serviu de esteio.

Sem elle, coitadinha,  
Serpeando pelo chão,  
Pisada, em pó envolta,  
Metteras compaixão...

Eu pouco subo e cresço,  
Mas é com meu vigor,  
Nem para sustentar-me  
Preciso protector.»—

Do rosmaninho approvo  
O nobre parecer:  
Antes ser pobre e livre  
Que rico e escravo ser.



A LUA DE LONDRES

---

E' noite. O astro saudoso  
Rompe a custo um plumbeo céu;  
Tolda-lhe o rosto formoso  
Alvacento, humido véu:  
Traz perdida a côr de prata,  
Nas aguas não se retrata,  
Não beija no campo a flor;  
Não traz cortejo de estrellas,  
Não fala de amor ás bellas,  
Não fala aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos  
Onde os deixaste ficar?  
Deixaste-os nos arvoredos  
Das praias d'além do mar?  
Foi na terra tua amada,  
N'essa terra tão banhada  
Por teu limpido clarão?  
Foi na terra dos verdores,  
Na patria dos meus amores,  
Patria do meu coração?

Oh, que foi ! Deixaste o brilho  
Nas serras de Portugal,  
Lá onde nasce o tomilho,  
Onde ha fontes de crystal;  
Lá onde viceja a rosa,  
Onde a leve mariposa  
Se espaneja á luz do sol;  
Lá onde Deus concedera  
Que em noites de primavera  
Se escutasse o rouxinol!

Tu vens, oh lua, tu deixas  
Talvez ha pouco o paiz,  
Onde do bosque as madeixas  
Têm já um floreo matiz.  
Amaste do ar a doçura,  
Do azul céu a formosura,  
Das aguas o suspirar;  
Como has-de agora entre gelos  
Dardejar teus raios bellos,  
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,  
Do Mondego os salgueiraes,  
Quem andou por Tejo acima,  
Por cima de seus crystaes,  
Quem foi ao meu patrio Douro,

Sobre fina areia d'ouro,  
Raios de prata espargir,  
Não póde amar outra terra,  
Nem sob o céu de Inglaterra  
Doces sorrisos sorrir!

Das cidades a princeza  
Tens aqui: mas Deus igual  
Não quiz dar-lhe essa lindeza  
Do teu e meu Portugal.  
Aqui, a industria e as artes;  
Além, de todas as partes,  
A natureza sem véu;  
Aqui, ouro e pedrarias,  
Ruas mil, mil arcarias...  
Além, a terra e o céu!

Vastas serras de tijolo,  
Estatuas, praças sem fim,  
Retalham, cobrem o solo,  
Mas não me encantam a mim.  
Na minha terra, uma aldeia,  
Por noites de lua cheia,  
E' tão bella, é tão feliz!  
Amo as casinhas da serra,  
Co'a lua da minha terra,  
Nas terras do meu paiz!

Eu e tu, casta deidade,  
Padecemos igual dor,  
Temos a mesma saudade,  
Sentimos o mesmo amor.  
Em Portugal, o teu rosto  
De riso e luz é composto;  
Aqui, triste e sem clarão:  
Eu lá sinto-me contente;  
Aqui, lembrança pungente  
Faz-me negro o coração.

Eia pois, oh astro amigo,  
Voltemos aos puros céus;  
Leva-me, oh lua, contigo,  
Preso n'um raio dos teus.  
Voltemos ambos, voltemos,  
Que nem eu nem tu podemos  
Aqui ser quaes Deus nos fez.  
Terás brilho, eu terei vida,  
Eu já livre, e tu despida  
Das nuvens do céu inglez.

JOÃO DE LEMOS

---

## LOUVORES DE NOSSA SENHORA

---

De luz se inundem os céus,  
Franjem-se as nuvens de ouro,  
Em honra da Mãe de Deus!

Essa glória, esse thesouro,  
Que o Senhor tem a seu lado  
E os anjos cantam em còro!

Aquella, que o seu cuidado  
E' a pobre mãe afflicta,  
O orfão desamparado!  
Virgem Maria bem dita!

Curvae, arvores frondosas,  
Até ao chão vossa rama!  
Encha-se a estrada de rosas!

Esta é quem o céu proclama  
Santa, pura, immaculada!  
Que os seus filhos tanto ama!  
Incansavel advogada

E protectora nos cêus  
De toda a alma accusada  
Lá no tribunal de Deus.

Esta é quem o navegante,  
Debaixo da tempestade,  
Chama, invoca supplicante !  
Que em toda a necessidade  
Nos ampara, nos abriga,  
No manto da piedade !  
Que uma palavra, que diga  
Ao Filho, em nosso favor,  
Já o Senhor não castiga,  
Condoe-se do peccador.

---

Oh joia primorosa  
Da corôa do Senhor !  
Oh sempre fresca rosa  
De puro e casto amor !

A quem a flor envia  
O seu primeiro aroma,  
Logo ao romper do dia,  
Mal a aurora assoma.

Oh immortal aurora,  
Que céu e terra encanta !

Por quem a rosa chora !  
Por quem a ave canta !

A quem, por toda a terra,  
A quem, por todo o mundo,  
No pincaro da serra,  
No valle mais profundo,

Foi levantada igreja,  
Foi levantado altar,  
Que ao longe nos alveja  
Como um baixel no mar !

Ali se abriga a esperança,  
Na grande desventura ;  
Ali auxilio alcança  
O triste que o procura !

Ali se quebra o encanto  
De mal fundado amor !  
Ali se enxuga o pranto  
De irreparavel dor !

---

Virgem Mãe do mesmo Deus !  
Virgem filha de teu Filho !  
Não ha estrella de mais brilho  
N'esses ceus !

D'olhar fito n'esse olhar,  
D'olhos fitos n'esses olhos,  
Não ha baixos, não ha escolhos  
N'este mar!

Vem a onda, sobrevem  
Nova onda; e nada teme  
Quem te vê guiando o leme,  
Virgem Mãe!

Tu guardaste, em gôso e dor,  
Sempre n'alma a paz d'um templo!  
Foste em vida o nosso exemplo,  
Mãe de Amor!

Navegando, mas de pé,  
N'este mar cavado embora,  
Vou na barca salvadora,  
Que é a Fé!

Não me assusta a multidão  
De inimigos que me aggride;  
Contra a *Torre de David*  
Tudo é vão!

Por feroz que esteja o mar,  
De repente forma um lago!



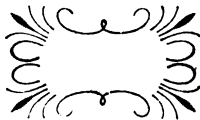


Basta um só reflexo vago  
D'esse olhar!

Esse olhar é quem a mim  
Me encaminha e me soccorre!  
O meu norte é só a *Torre*  
*De Marfim.*

Meu pharol, refúgio meu,  
Sol que dia e noite brilha!  
Mãe de Deus e de Deus filha!  
Mãe do Céu!

JOÃO DE DEUS.



---

## O PRIMEIRO DINHEIRO

---

Quando os meus quinze contei,  
Um tio velho que eu tinha,  
Que inda choro e chorarei  
Toda inteira a vida minha,  
Disse-me um dia:—«Olhe cá;  
Está quasi um homem já;  
Para que por tal o tomem,  
Quero fazer-lhe um presente,  
Com que um homem...  
Com que um homem se apresente.»

Julguei, n'esta oração toda,  
Que o tal *quasi* sobejava,  
E sondei o beijo em roda  
A ver se o buço apontava.  
Estranhara o tratamento!  
E o programma, que um portento  
No tom me estava a indicar,  
Fez-me; logo á introducção,  
Palpitar...  
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido,  
E aprumando-me vaidoso,  
Ouvi, meio distrahido,  
Entre ufano e curioso,  
O longo fim do sermão.  
O bom de meu tio então,  
Acções junctando a promessas,  
Deu-me, para meu thesouro,  
    Duas peças...  
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade,  
E o valor que este incidente  
Outorgara á minha idade,  
Dei dois pulos de contente.  
As peças mirei de perto;  
E não trocava de certo,  
Desdenhando regias sinas,  
O meu erario infantil  
    Pelas minas...  
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria  
De tão grosso cabedal  
Passei o resto do dia,  
E de noite dormi mal.  
No meu somno, a cada instante,

Via um grupo fulgurante  
De effigies taes, que não sei  
Quem as tivera inventado;  
E sonhei...  
E sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,  
Posto a pé antes do sol,  
Quiz tomar, por ali fóra,  
Os meus desejos a rol.  
Ai, que diversos e quantos!  
Eram tantos, tantos, tantos,  
Que lhes não achava o fim.  
O mundo tinha um defeito  
Para mim:  
Para mim era inda estreito.

Meditava seriamente  
Se faria a aquisição  
D'um relógio com corente,  
Ou d'um cavallo rabão.  
Como escolhesse o cavallo,  
Entrei logo a ajaezal-o.  
Mas... mas o relógio!... Aqui,  
Pensando com mais estudo,  
Resolvi...  
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto,  
(Já fresca outoniça aragem  
D'um dia depois de Agosto  
Ciciava entre a folhagem)  
Fui ao moinho do outeiro,  
Onde o Domingos moleiro,  
Porque ás vezes me deixara  
Trotar do seu macho em cima,  
Conquistara...  
Conquistara a minha estima.

De o deslumbrar de apparatus  
A pia tenção levava;  
Mas fui achal-o nos tratos  
D'uma terçã que o prostrava:  
Cessara o motim festivo:  
Solitario e semi-vivo,  
Jazia o triste no chão,  
Com as faces amarellas  
N'um montão...  
N'um montão de rotas velas!

Chamei-o: nem respondia!  
Busquei: tudo lhe faltava!  
Quando eu afflicto saia,  
A pobre moleira entrava.  
Vinha de lidar chorando,

Negro pão de dois penando!...  
Em tal desarrimo e dor,  
Tirando a peça primeira,  
Fui-lh'a pôr...  
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguém se esqueça  
Da alheia tribulação!  
Tinha saudades da peça,  
Mas tinha orgulho na acção!  
Ficara aos sonhos metida  
Entre os braços da piedade.  
Pago e ufano como um rei,  
Bem que no caso a scismar,  
Caminhei...  
Caminhei para o Logar.

Um pardieiro, entre rosas,  
Havia do Povo á entrada,  
Junto ás ruínas musgosas  
D'uma ermida derrocada...  
Vivia n'esta casinha  
A tia Anna—uma velhinha  
Que sabia muita historia,  
E m'as contava ao serão,  
Co'a memoria...  
Co'a memoria da afeição.

Em versos, um tanto baldos,  
Modulava-me ella ainda  
As trovas de *Dom Reinaldos*  
E o romance da *Florinda*.  
Fugia a noite apressada,  
Ao sabor da casa toada,  
Em tão suspiro escutar,  
Que o meu sentido primeiro  
Foi chegar...  
Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,  
Alvas malhas, pello nedio,  
Era a sua companheira  
E tambem o seu remedio.  
Conhecia-lhe a canção  
E vinha comer-lhe á mão,  
Quando não pascia á porta.  
Chego, e a falla me abandona!...  
Vejo-a morta...  
Vejo-a morta aos pés da dona!

Dera-lhe o mal de repente ;  
Para morrer ali fôra!  
Meigo o olhar intelligente  
Inda carinhos implora!...  
A pobre velha, coitada,

Sem voz, trémula e parada,  
Olhava, olhava também  
Como quem, na dor que encerra,  
    Mais não tem...  
Mais não tem quem ver na terra.

Nada disse. Que diria?  
Ha desgraças tão completas,  
Que da propria sympathia  
São as vozes indiscretas.  
A velha não se moveu...  
E chorava!... E chorei eu!...  
Que havia determinar,  
Em miséria tão expressa,  
    Senão dar...  
Senão dar-lhe a outra peça?

Puz-lh'a, mudo, no regaço;  
E volvi a passos lentos,  
Apagando, n'um só traço,  
Desejos com sentimentos!  
Senti o fausto perdido:  
Mas não foi de arrependido!...  
Dissipada já deixava  
A phantastica opulencia;  
    Mas levava...  
Mas levava a consciencia!



## PSALMO

O nome do Senhor seja louvado  
Na terra e nas alturas :  
Louvem-no estrellas, lua, sol dourado  
E angelicas creaturas

Louvem-no de continuo os céus profundos  
E as aguas lá de cima ;  
Louvem o nome do que fez os mundos  
E a todo o ser anima ;

E, dando luz a cada ser creado,  
Poz-lhe um preceito, que hade  
Permanecer constante, inquebrantado,  
Por toda a eternidade !

Louve-o quanto na terra se sustenta,  
Louve-o até o inferno ;  
Louve-o a tempestade, que rebenta  
Fiel á voz do Eterno.

Louve-o o monte, que a sua cumiada  
A's nuvens alevanta,  
Louve-o a arvore' de fructos avergada,  
Louve-o a esteril planta.

A ave, que voa, a fera, o bicho immundo  
Louvem-no a cada instante.  
Povos e reis, novos e velhos... tudo  
Em tudo o louve e cante!

CANDIDO DE FIGUEIREDO



NOSSA SENHORA DOS  
MARTYRES  
DE CASTROMARIM

---

Candida Virgem dos Martyres,  
Formosa Virgem Maria,  
Quem contará teus milagres,  
Quem contal-os poderia?  
Escutae-me agora attentos  
Este, que é de tal valia  
Que a todos que o bem conhecem  
Faz espanto e maravilha.

Captivo d'um perro mouro,  
Em terras de mouraria,  
Debaixo de du'ros ferros,  
Um pobre christão vivia.  
Negro pão e agua turva  
Só lhe davam por medida.  
De manhã até á tarde  
A um moinho moia;  
E á noite o perro infiel,

Com medo que lhe fugisse,  
N'um caixão grande o fechava,  
Muito forte em demasia.  
Depois, em cima deitado,  
Em tom de mofa dizia,  
Como quem Deus não conhece,  
Esta horrivel heresia:  
—Livre-te d'aqui agora  
A tua Virgem Maria!—  
Chorava o pobre christão,  
Mas seus males não carpia:  
A blasphemia que escutava  
Era o que só lhe doía.  
Todo em luto as banhado,  
D'esta maneira dizia:  
—Senhora, que não castigas  
Esta grande aleivosia!

Se elle bem a invocava,  
Melhor a Senhora o ouvia.  
Uma noite, á meia noite,  
O caixão que se movia!  
Sem que ninguem lhe tocasse,  
Ao mar direito corria:  
O mouro, no melhor somno,  
Em cima d'elle dormia.  
Já lá vae por essas aguas,

Cercado de ondas se via :  
Adeus, terra de mourama !  
A terra ao largo fugia.  
Assim tres noites vogaram,  
Tres noites e mais dois dias :  
O mouro, como encantado,  
Do somno não se bulia.

Já desponta a manhã clara,  
Manhã do terceiro dia :  
Novas areias se mostram,  
Novos céus, nova alegria !  
Já perto se ouve roncar  
O mar pela penedia ;  
O ladrar de muitos cães  
Por toda a costa se ouvia.  
Da torre o gallo tres vezes  
Este milagre annuncia:  
Os sinos dó campanario  
Repicavam á porfia,  
Sem que ninguem os tangesse,  
Porque tudo inda dormia.

Com os sinos acorda o mouro,  
Sem atinar com o que via ;  
Já mui constricto e humilhado  
Para o captivo dizia :

—Christão, que terra é esta  
De tão alta senhoria?

Na tua terra, christão,  
Cantam gallos á porfia,  
Tocam sinos, ladram cães,  
Logo ao despontar do dia?

—Esta terra sei que é minha,  
Mas eu não a conhecia...

Na minha terra, senhor,  
Cantam gallos á porfia,  
Ladram cães, repicam sinos,  
Logo ao despontar do dia...

—Ergue-te, christão, perdoa-me  
Todo o mal que eu te fazia:  
Hontem eras meu escravo;  
Teu servo sou n'este dia!

Para ver este milagre  
Toda a gente ali corria;  
Com seus gibões encarnados  
Os da justiça assistiam.

Já todos vão, já se partem,  
Caminho da santa ermida;  
O mouro, por Deus tocado,  
D'esta maneira dizia:

—Oh mãe de Deus poderosa,  
Piedosa Virgem Maria,

Perdoae-me os meus peccados,  
Que eu christão me tornaria!—  
Eis que aos pés da Virgem Santa  
D'agua uma fonte se abria;  
Tão crystallina e tão pura,  
Que linda que ella corria!  
Com esta agua bemdita,  
Agua de tanta valia,  
Foi logo ali baptisado  
O mouro da Barbaria.  
E para maior milagre,  
Ao cabo de sete dias,  
Mesmo no meio das aguas  
Um verde freixo nascia;  
Tão copadinho e tão verde,  
Oh que bem que parecia!

Desde então ficou a Virgem  
Tendo grande romaria;  
De Portugal e Castella  
Tudo ali corre em seu dia.

ROMANCE POPULAR.

## O TEMPORAL

## I

—Ai! senhora Margarida,  
Deus é pai: porém castiga  
Por tal modo, que eu não sei  
Em verdade o que lhe diga.  
Fui á seára e encontrei  
O meu trigo todo em terra.  
Ora veja: quem não tem  
Outro remedio na vida...

—Senhora Rosa, eu tambem  
Soffri com o temporal.  
Fui ver o meu olival,  
Estavam todas no chão  
As mais fortes oliveiras.  
Reparei depois na vinha  
E cortou-me o coração.  
Ver sem folhas as videiras,  
Vel-as sem um bago d'uva.  
—Confortemo-nos, visinha,  
Uns aos outros.

—Não é nada



O que vimos comparado  
Com a sorte da viuva  
Que vive lá na ribeira.  
—E' mulher bem desgraçada!  
—O filho foi p'ra soldado,  
Foi morto o homem na feira  
E com esta trovoadá,  
Para cumulo de dor,  
Morreu a filha afogada.  
—Bemdito seja o Senhor!

## II

Era por fins de maio. A primavera  
Vestira o dia de pomposa gala;  
Hymnos e aromas a floresta exhala,  
O sol resplende na azulada esphera.

O rouxinol a estrophe crystallina,  
Desde a noite, modula, infatigavel,  
Canta d'amor um extasi ineffavel  
E canta os ais de quem de dor se fina.

Alegre o musgo a alcantilada rocha;  
No retiro d'escuros arvoredos  
Dizem as rôlas intimos segredos,  
E em cada flor um beijo desabrocha.

As borboletas, em choreia alada,  
Brilham á luz do sol com vivas cores;  
A abelha anda a cuidar nos seus labores,  
Furtando á flor a essencia perfumada.

Pela tarde, porém, ao longe assoma  
Nuvem imperceptivel,  
E pouco a pouco vae subindo e toma  
Figura mais visivel.

De ponto negro, torna-se colosso;  
A sua forma rara  
Parece em fim um gigantesco esboço  
D'algum monstro que o Chaos debuxara.

E' plumbea a côr do espaço e, de repente,  
Com impeto esfusia  
E queima a ventania  
Como vapor d'uma cratera ardente.

A nuvem paira em tanto  
No alto da montanha;  
A sua forma estranha  
Causa terror e espanto.

O raio já fulgura,  
Minaz trovão rebomba :

A precavida pomba  
O ninho seu procura.

Quando a rajada freme,  
Quando o trovão estala  
Até o solo abala...  
O crente e o impio treme.

No topo da collina  
O pegureiro chora  
E o lavrador implora  
A compaixão divina.

Accendem-se nos lares  
Fogos de ramos bentos.  
As mattas com os ventos  
Ululam como os mares.

Semelham, bracejando,  
Com uivos delirantes,  
Combate de gigantes,  
Cruel, feroz, nefando.

Nos carvalhaes estrugem.  
Fortissimas rajadas,  
—Indomitas manadas  
De bufalos que mugem.

Juncam a terra arbustos,  
E com profundos rancos  
No solo caem troncos  
Viçosos e robustos.

Correm das cumiadas  
As turgidas torrentes,  
Bem como umas serpentes  
Disformes, assanhadas.

No valle o rio empola  
Em altas cachoeiras,  
Invade as sementeiras,  
Que n'um momento assola.

### III

—Já fui lá baixo á ribeira,  
• O' senhora Margarida.  
Estava a mãe a chorar  
Assentada junto ao lar  
Com a pequena á fogueira,  
Mas sem ter signal de vida.  
—Que desditosa viuva!  
Como lhe contou o caso?  
—Eu lhe digo: Como a chuva  
• Desabasse n'essés montes

De improviso, estava a mãe  
A dobar uma meada  
E a pequena mais além  
No açude da levada,  
Cantando, lavava um lenço,  
Sem susto da trovoada.  
Pelos modos treme a terra,  
Rebenta a nuvem na serra,  
Cresce o rio de repente  
E vem com ruído immenso,  
Galgando cada penedo.  
A pequena teve medo,  
Ficou sem poder fugir.  
Apenas ouve a torrente,  
Vae a mãe para salva-a;  
Porém foi redonda ao chão,  
Sem sentidos e sem falla.  
—Ai que dor de coração!  
—Afinal accudiu gente,  
Que mora perto do rio,  
Foi tirada a innocente  
Já com seu corpinho frio.  
—Tão medonho temporal,  
Com tamanho prejuizo  
Nunca vi!

—Até julguei

Que era o dia do juizo.

—Para todos foi fatal;

Porém como á Leonor,

A' viuva desgraçada...

—Que pena eu tenho! coitada!

—Bemdito seja o Senhor!...

## IV

Passára o temporal, como vertigem,  
Ou desespero de feroz loucura.  
O ceo é mais azul, e o sol fulgura,  
Dourando a terra que parece virgem.

Recomeçam as aves seu descante,  
A fresca flor o seu aroma espalha,  
E o sol parece um rei que passa ovante  
Sobre os destroços de cruel batalha.

A. DE AZEVEDO CASTELLO BRANCO



## O DESERTO DO ALTO AMAZONAS

---

Eis o deserto!... um deserto  
Das regiões americanas!  
Os Pampas são ali perto,  
Ficam além as Guyanas...  
Vinte leguas, cem, duzentas,  
Mais talvez de quatro centas...  
Quem sabe quantas serão?  
Sente-se o homem pequeno  
Perante o immenso terreno  
D'essa eterna solidão!

O cactus agigantado,  
Como guarda do horisonte,  
De enormes flores toucado,  
Ante vós levanta a fronte:  
—Solitaria sentinella  
Que attenta vigia e vella,  
Porque não passeis além.—  
Ai do que se precipita

N'essa amplidão infinita  
D'onde não volta ninguém !

Mas sentis não sei que abalo,  
Não sei que desejo incerto  
De impellir vosso cavallo  
Atravez d'esse deserto...  
E' o abysmo que fascina ;  
Tudo que a mente imagina  
Querem os olhos gosar :  
O vago, o desconhecido,  
Ir onde ninguém tem ido,  
Isso vos ha-de tentar.

Sois ousado e cavalleiro ?  
Sabeis affrontar a morte ?  
O cavallo é bem ligeiro ?  
Votae-vos a Deus e á sorte !  
Mettei balas na clavina ;  
A faca de ponta fina  
Que vos não caia ao correr ;  
Largae redea, dae d'esporas ;  
Um dia são doze horas,  
Mas tendes muito que ver.

Andae caminho de leste,  
Vede como o sol discorre ;



Se vos perdeis para oeste  
E' mais um que por lá morre.  
A galope! — como o vento,  
Quasi como o pensamento,  
Vosso cavallo arrancou;  
Os lagos, o monte, a selva,  
Os prados de verde relva,  
Já tudo ao longe ficou.

Livre sois em novo mundo,  
Um mundo de immensidade!  
N'este silencio profundo  
Reina eterna a liberdade.  
Mas o horisonte não morre!  
Mais vosso cavallo corre,  
Mais elle foge de vós;  
E na distancia uniforme  
Dorme o céu e a terra dorme,  
Devastada, muda, atroz!

Vendo cançar o cavallo,  
Cedeis tambem fatigado;  
Não sentís o mesmo abalo  
Que vos tinha enthusiasmado.  
Quereis voltar. — Para onde?...  
Todo o vestigio, se esconde,  
Nada vos póde guiar...

Nem o sol: do dia em meio,  
Como vai ou d'onde veio  
Já não podeis afirmar.

Silencioso, frio e morto  
O deserto vos suspende ;  
Vossa vista sem conforto  
Debalde ao longe se estende.  
Nem uma nascente pura !  
Nem um ramo de verdura  
Que vos livre do calor !  
O ar parece uma chama  
Que vossos pulmões inflama  
Sob um céu abrazador !

O cavallo triste, inquieto,  
Sem alento afrouxa os passôs ;  
Do paiz ao mudo aspecto  
Como vós mede os espaços.  
Interroga o solo ardente ;  
Vê com magoa o chão candente  
Queimando a vegetação ;  
Vê só terras calcinadas,  
E nas plantas abrazadas  
Refrigerio busca em vão.

Busca em vão nos horisontes,  
Os bosques dos cacoeiros,  
O lago, a crista dos montes,  
Os cimos dos cajueiros.  
De repente, erguendo a crina,  
Ao longe fita a campina,  
E parte, e corre veloz!  
Largae a redea ao cavallo,  
Não cureis de governal-o  
Que sabe mais do que vós.

Escutae... um grito rouco  
Distante nos ares sôa...  
O cavallô, quasi louco,  
Ouvindo-o, não corre, vôa!  
Lá fogem vinte veados  
Do seu galope assustados:  
Novo rugido estrugiu,  
Mais temeroso e mais perto!  
Fugir! que o rei do deserto  
A carne humana sentiti.

Já pouca esperança resta...  
Do tigre a furia redobra;  
Eis que se avista a floresta,  
E o cavallo animo cobra.  
Mais ardente corre e vôa,

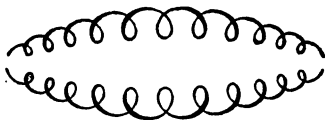
Mais nos seus ouvidos sôa  
Da fera ardente o corrêr!  
Nenhum a victoria cede;  
Cada qual o espaço mede  
Aonde conta vencer.

Aqui se acaba o deserto:  
Chega o cavallo primeiro;  
Porém, com o peito aberto,  
Cae sobre o seu cavalleiro.  
O tigre rugindo avança!  
Já como um raio se lança...  
Tendes a faca na mão?  
Espreitaê-lhe o movimento...  
—A vida cessa um momento,  
Não vos pulsa o coração!—

Suspende o tigre a corrida,  
Na floresta os olhos fita...  
Uma onça enfurecida  
Sobre elle se precipita!  
Trava-se lucta furiosa  
Entre os dois; lucta horrorosa,  
Que assusta, que faz pavor!  
—Tomae a vossa clavina;  
Se o terror vos não fascina,  
Fugi — se tendes valor.

Deixae o vosso cavallo,  
Do vencedor será preza ;  
Vós não podeis levantál-o,  
Fôra loucura a defeza,  
As duas feras, que luctam,  
O seu cadaver disputam ;  
Por elle vivo ficaes.  
Dizei adeus ao deserto ;  
Dizei-lhe adeus — estou certo  
Que saudades não levaeis.

F. GOMES DE AMORIM



## CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava,  
Chorava e razão havia,  
Vivendo tão descontente;  
Seu pae por casar a tinha.  
Acordou El-rei na cama  
Ao pranto que ella fazia:  
—Que tens tu, querida infanta,  
Tu que tens, oh filha minha?  
—Senhor pae, o que hei-de eu ter  
Senão que me peza a vida!  
De tres irmãs que nós eramos,  
Solteira eu só ficaria.  
—Que queres tu que eu faça?  
Mas a culpa não é minha.  
Cá vieram embaixadas  
De França e de Normandia;  
Nem ouvil-as não quizeste,  
Nem fazer-lhes cortezia...  
Na minha côrte não vejo

Marido que te daria...  
Só se fosse o conde Yanno,  
Mas esse mulher já tinha.  
—Ai, rico pae da minha alma,  
Pois esse é que eu queria.  
Mandae-o chamar, meu pae,  
Da vossa parte e da minha:  
Que mate a sua condessa  
E case com vossa filha:  
Traga-me a cabeça d'ella  
N'esta dourada bacia.

Manda El-rei chamar o conde,  
Sem saber o que faria:  
Que lhe viesse fallar...  
Sem saber que lhe diria.  
—Inda agora vim do paço,  
Já El-rei lá me queria!  
Ai, será para meu bem?  
Ai, para meu mal seria?

Entrou pelo paço dentro,  
A El-rei fez cortezia:  
—Beijo as mãos a vossa altéza;  
Que quer vossa senhoria?  
Responde-lhe agora o rei  
Com grande melancholia:

—Beijae, que mercê vos faço;  
Casareis com minha filha.

Cuidou de cair por morto

O conde que tal ouvia:

—Senhor rei, que sou casado

Já passa mais de anno e dia!

—A condessa matareis,

Casareis com minha filha.

—Senhor, como hei-de matal-a,

Se a morte não merecia?

N'esta vida nem na outra

Deus m'o não perdoaria!

—Ha-de morrer a condessa,

Que eu assim o decidia.

Quero ver sua cabeça

N'esta dourada bacia.

Foi-se embora o conde Yanno,

Muito triste que elle ia.

Um pagemzinho adeante

Levava a negra bacia:

O pagem ia de lutto,

De lutto o conde vestia.

A condessa, que o esperava,

De muito longe o via,

Com o filhinho nos braços

Para abraçal-o corria.



— Bem vindo sejaes, meu conde,  
Bem vinda, minha alegria!  
Elle sem dizer palavra  
Pelas escadas subia.  
Mandou fechar seu palacio,  
Cousa que nunca fazia:  
Mandou logo pôr a ceia,  
Como quem lhe apetecia.  
Sentaram-se ambos á meza,  
Nem um nem outro comia:  
As lagrimas eram um rio  
Que pela meza corria.  
— Que tens tu, querido conde,  
Que tens tu, oh vida minha?  
Conta-me as tuas tristezas  
Como contas a alegria:  
Tira-me já d'estas ancias;  
El-rei o que te queria?  
Antes me mates, meu conde,  
Que eu ver-te n'essa agonia!  
— Morto seja quem tal manda,  
Mais a sua tyrannia!  
Manda-me El-rei que te mate,  
Que case com sua filha.  
Quer ver a tua cabeça  
N'esta dourada bacia.

Cuidou de cair por morta  
A condessa que isto ouvia.  
—Cala, cala, conde Yanno,  
Que inda remedio haveria;  
A meu pae me mandarás,  
Pae que tanto me' queria:  
Tomar-me-hão por solteira,  
Por solteira eu me daria;  
Criarei este innocente,  
Que a outra não criaria.  
—Ai, como pode isso ser,  
Condessa da minha vida,  
Se quer ver tua cabeça  
N'esta dourada bacia?  
—Cala, cala, conde Yanno,  
Que remedio inda haveria:  
Metter-me-has n'um convento  
Da ordem da freiraria;  
Dar-me-hão o pão por onça  
E a agua por medida:  
Eu lá morrerei de pena,  
E a infanta o não saberia.  
—Ai, como pode isso ser,  
Condessa da minha vida,  
Se quer ver tua cabeça  
N'esta maldita bacia?  
—Fecháras-me n'uma torre,

Nem sol nem lua veria,  
As horas da minha vida  
Por meus ais as contaria.  
—Ai, como pode isso ser,  
Condessa da minha vida,  
Se quer ver tua cabeça  
N'esta dourada bacia?

Estando n'estas razões,  
El-rei que á porta batia:  
—Se a condessa não é morta,  
Que elle então a mataria.  
—A condessa não é morta,  
Mas está na agonia.  
—Deixa-me dizer, meu conde,  
Uma oração que eu sabia.  
—Dizei depressa, condessa,  
Antes que amanheça o dia.  
—Ai, quem podera rezar,  
Oh virgem santa Maria!  
Que eu não me peza da morte,  
Peza-me da aleivozia:  
Mais me peza de ti, conde,  
E da tua covardia!  
Deixae-me dizer adeus  
A tudo o que eu mais queria;  
A's flores d'este jardim,

A's aguas da fonte fria.  
Adeus cravos, adeus rosas,  
Adeus flor da Alexandria!  
Guardae-me vós, meus amores,  
Que outrem me não guardaria.  
Deem cá esse menino,  
Entranhas da minha vida ;  
D'este sangue de meu peito  
Mamará por despedida.  
Mama, meu filhinho, mama,  
D'este leite da agonia ;  
Que até agora tinhas mãe,  
Mãe que tanto te queria,  
Amanhã terás madrasta  
De mais alta senhoria...

Tocam os sinos na Sé...  
Ai Jesus! quem morreria?  
Responde o filhinho ao peito,  
Respondeu... que maravilha!  
—Morreu, foi a nossa infanta  
Pelo mal que cá fazia:  
Descasar os bem casados,  
Cousa que Deus não queria.

## CANTO DE GUERRA DO GALLO

---

Co'as pennas hirtas para mim avança ;  
Não me deslumbra a tua acesa vista ;  
Hei-de ensopar meu triumphante bico  
Nas crespas rendas d'essa rubra crista !

Afia embora os esporões agudos,  
Hei-de vencer-te, oh rude antagonista :  
Hei-de montar sobre o teu collo altivo,  
Ensopar-te de sangue a regia crista !

Provocaste-me á liça, a mim fidalgo,  
Tu, oh gallo peão de casta mixta !  
Has-de pagar bem caro essa arrogancia,  
Has-de ficar sem tua regia crista !

Fóra da minha estirpe de fidalgo,  
Sangue real não pode ser que exista :  
Arrogaste o poder ! Rei te saudo,  
Rei das gallinhas ! ficarás sem crista !

Quando eu passar pelo cercado, ao longe,  
Abaixarás humilde o bico e a vista;  
Que eu sou o rei das mais gentis gallinhas,  
Que eu sei erguer a minha regia crista!

Ha-de seguir-te em toda a parte o espectro  
Da minha nobre e celebre conquista:  
Será amanhã... não cantarás teu hymno,  
Nem jamais erguerás a regia crista.

Has-de, oh gallo peão de casta ambigua,  
Sentir que eu fui valente antagonista;  
Eu cantarei meu hymno de triumpho,  
Tu cantarás de minha nobre vista;  
Tu, infamado, marcharás humilde,  
Eu erguerei a minha regia crista!

L. JUNQUEIRA FREIRE



## AS DUAS REDEMPÇÕES

A UMA MENINA, ESCRAVA, QUE NO  
MESMO DIA ERA BAPTISADA E RECEBIA  
A LIBERDADE

---

Inda uma vez, tanjamos  
A lyra, e mais um hymno  
Consinta-me o destino  
Erguer nos cantos meus,  
Que vá, de sons profanos  
Despido e desquitado,  
Em vôo arrebatado,  
Voando aos pés de Deus.

Da liberdade a estrella  
No berço da innocencia  
Derrama a providencia  
De duas redempções ;  
Mostrando uma alma limpa  
Do crime primitivo,  
No corpo d'um captivo  
Que quebra os seus grilhões.

Que assumpto mais merece  
Um hymno de poesia?  
Que dia tem mais dia?  
Que feito tem mais luz?  
Do captiveiro um anjo  
Quebrando infames laços,  
A' cruz estende os braços  
E os braços lhe abre a cruz.

Perfilha Deus o anjo  
Na filiação da graça,  
E o ser que o crime embaça  
Punio a redempção!  
E o homem, dissipando  
Do berço insano agravo,  
Em menos um escravo  
Abraça um novo irmão!

Que fôras, innocente,  
Que fôras, n'esta vida,  
Da escravidão perdida  
No barbaro bazar?!  
Pobre rôla ferida  
Da infamia pelo espinho,  
Em que ramo, em que ninho  
Te havias de aninhar?



Criança, sem afagos,  
Temendo-te altiveza,  
Querendo-te a vileza  
Plantar no coração,  
Dariam-te, nos gestos,  
Nas vestes, no aposento,  
Na meza, no alimento,  
Sómente—escravidão!

Criança... mas sem veres  
Da infancia as verdes côres...  
Donzella... sem amores...  
Talvez alma sem Deus!  
Lá fôras arrastada  
Da vida pelos trilhos,  
E, triste! nem teus filhos  
Seriam filhos teus!

O' vós, que hoje lhe destes  
O dom da liberdade,  
Que junto á divindade  
Mataes a escravidão,  
Ao trovador propicios,  
De acção tão excellente  
Em culto reverente...  
Guardae esta canção.

LAURINDO RABELLO

## SALVÊ RAINHA

*Salvê Rainha, Mãe*  
Da paz e da concórdia!  
*Mãe de misericórdia!*  
Fonte de todo o bem!

Rainha! nossa *vida!*  
*Doçura, esperança nossa!*  
Da mais humilde choça,  
Aos altos céus querida!

*Salvê Rainha eterna,*  
De throno inabalavel!  
Soberana sempre affavel!  
Rainha sempre terna!

A vós, *a vós bradamos,*  
Cá d'estes descampados,  
Por onde *os degredados,*  
Os *filhos de Eva* andamos.

*Por vós, n'estes anceios*  
*De insupportavel dor,*  
*Ah suspiramos cheios*  
*De saudade e amor!*

*Gemendo e sempre assim*  
*Chorando o nosso mal,*  
*N'este profundo valle*  
*De lagrimas sem fim!*

*Das nuvens eia pois,*  
*Oh advogada nossa,*  
*Rompa um clarão que possa*  
*Mostrar-nos já quem sois.*

*Sim: esses vossos olhos*  
*Tão misericordiosos,*  
*Que tornam os abrolhos*  
*Lyrios deliciosos,*

*A nós volvei, Senhora*  
*De céu, e mar e terra!*  
*Onde o que ha bom se encerra,*  
*Que todo o mundo adora.*

*E se um viver sem luz*  
*Expia tanto erro,*

*Depois d'este desterro*  
*Mostrai-nos a Jesus!*

*Oh Mãe sempre clemente!*  
*Oh Mãe sempre piedosa!*  
*Mãe sempre carinhosa!*  
*Mãe sempre complacente!*

*Oh nossa doce Mãe!*  
*Oh sempre Virgem pura!*  
*Excelsa creatura,*  
*Fonte de todo o bem!*

*Maria! a nossa voz*  
*Ouvi-a lá nos céus!*  
*Rogai, rogai por nós*  
*Oh santa Mãe de Deus!*

*Para que auxiliados*  
*D'essa divina graça*  
*Nós, filhos da desgraça*  
*E pobres desherdados,*

*Sejamos (ás avessas*  
*Do mal que nos attráe)*  
*Ah dignos das promessas*  
*De Christo — Deus e Pae!*

JOÃO DE DEUS.

## EXPERIENCIA

Conta a fabula que um dia  
No monte estava um pastor :  
Era de tarde ; fazia  
Um tempo esplendido ; a cõr  
Do occaso punha vermelhas  
As aguas lisas do mar.  
Na relva, as brancas ovelhas  
Pastavam manso pastar.

Lá na extrema do horisonte,  
Que bem longe se avistava,  
N'esse momento passava  
Uma vela peregrina...  
O pastor vio-a do monte...  
E poz-se a meditar  
Na sua misera sina  
De levar a vida inteira  
N'esse pobre apascentar  
Os seus rebanhos, em quanto  
Que essa vela aventureira  
Ia ganhar tanto ! tanto !  
E era tão manso o mar !

Eil-o que rapido se ergue,  
A ambição todo o acende...  
Já sem mais demora vende,  
O rebanho, o campo, o albergue.  
Que sonhos grandes que tem!  
Que de visões sedutoras!  
A's verdes ondas traidoras  
Aventura-se tambem.

Cedo voltou... abatido,  
Pobre naufrago, sem nada!  
Chorava o albergue perdido  
E a pacifica manada...  
Mas trabalha e recupera  
Os calmos bens que tivera.

E quando, á tarde, no monte,  
Foi sentar-se, como d'antes,  
E vio limpido o horisonte  
E velas brancas distantes,  
E as ondas verdes e planas,  
Disse, lembrado, e sorrindo:  
—Oh mar, estás muito lindo,  
Mas a mim já não me enganas!

LUCIO DE MENDONÇA

---

---

## ROMANCE DA BATALHA DE ALCACER-QUIBIR

---

Postos estão frente a frente  
Os dois valorosos campos;  
A um lado el-rei Mañuco,  
Sebastião do outro lado:  
Moço rei Sebastião,  
Valente e determinado...  
Ai, se como eras valente,  
Fosses bem aconselhado!  
E já os mouros sem conto  
Suas hostes vão cercando,  
Que por cada um dos seus  
São elles desoito tantos.  
Manda el-rei, que nada teme,  
De peleja deitar bando;  
A' frente dos seus galopa,  
Clamando: a elles! Santiago!  
Já dispara a artilheria,  
Vão os mouros recuando;  
Mas tornam logo mais firmes,  
Todo o campo rodeando.

Rodeiam o campo todo,  
Já o sangue faz um lago :  
Sebastião destemido  
Corre a um lado e ao outro lado.  
Traz a lança rota e a espada  
Tinta em sangue até ao cabo ;  
Varado por tres pelouros,  
Já lhe cae morto o cavallo.  
Vê Dom Jorge d'Albuquerque  
Este lance desesperado ;  
Dom Jorge, que por dez feridas  
Se está em sangue escoando,  
E já mal sustém a lança,  
Mal se sustém a cavallo.  
—Senhor (brada com esforço)  
Deixae-vos vós, e salvae-vos ;  
Ajudae-me a desmontar  
E tomae o meu cavallo—  
Palavras não eram ditas,  
Salta do cavallo a baixo ;  
Mas as forças lhe fallecem  
E cae por terra expirando.  
Ao vel-o, que assim jazia,  
Sebastião solta um brado :  
—Ai de mim, até que extremo  
Aqui me vejo chegado,  
De aceitar, com tua morte,



A vida, que já desamo !  
Mas espera, amigo, espera,  
Não será por grande espaço :  
Que o rei, que sabe morrer,  
Morre ao pé de seus vassallos !—  
Isto dizendo, com magoa,  
Monta o cavallo d'um salto ;  
Com furia se torna aos mouros,  
Onde o combate é mais bravo :  
Busca morrer, dando mortes,  
Busca a morte Sebastião,  
Bradando : agora é a hora !  
Esta morte é salvação !

ROMANCE DO SECULO XVI  
(RESTAURADO)



---

**O SEBASTIANISTA**

---

Que lindas barbas nevadas  
Aquelle velho não tem!  
Foram nascidas, creadas,  
Como não pensa ninguem!  
Cortal-as, não corta o velho!  
São-lhe as barbas um espelho  
Da sua crença leal:  
Dias e noites á barra,  
Consulta no seu Bandarra  
A sorte de Portugal!

Consulta! tem fé n'aquillo;  
Poz no livro o coração:  
Interpreta-lhe o sigillo,  
Lê n'elle—Sebastião!  
Conhece, soletra o dia  
Em que a velha monarchia  
Do sepulchro surgirá.  
E' propheta! até nos marca  
As horas a que o monarcha  
D'além mundo voltará!

D'além mundo! Da batalha  
Por milagre se escapou;  
Renegando da mortalha,  
Da c'rôa não renegou!  
Ha-de vir. Nas prophecias  
Dos modernos Isaias,  
Ha uma que diz assim:  
— «Se conservarem afinco,  
No anno d'um tres e um cinco,  
Espere o povo por mim.

«Quem se atreve a ler as sinas  
D'este meu condão real,  
Soletre nas cinco quinas  
Os fados de Portugal.  
Traduzidas, combinadas,  
Trazem as eras marcadas,  
As eras da redempção;  
Não as leiam os profanos,  
Que inda tem de passar annos  
Antes d'esta traducção!

«Portugal, nunca vencido,  
Antes sempre vencedor,  
Pelo meu braço remido,  
Cobrará novo vigor.  
Mais verá quem tiver vista

Seguirem do rei a pista  
Estranhos, novos pendões ;  
Das terras d'além do Ganges,  
Avançarem as phalanges  
Dos portuguezes leões !

«Montado no seu cavallo,  
N'um dia de cerração,  
Quem quizer pode ir esperal-o,  
El-rei Dom Sebastião.  
N'esta terra, que é tão **minha**,  
Haverá então rainha  
Governando Portugal.  
Mas quer Deus que haja **em Lisboa**  
Quem do reino se condoa,  
Dando-lhe a voz de real!»

Se alguém duvida do dia,  
Aqui lhe ponho os signaes,  
Como reza a prophecia,  
Como ella reza, não mais.  
— «Como sagrada vedeta,  
Verás no ceo um cometa  
De grandeza colossal ;  
Verás tambem com espanto  
O corpo d'um grande santo  
Em terras de Portugal.

«Andarão todos em guerra  
Por essas terras alem ;  
Nem nas cabanas da serra  
Viverá em paz alguem.  
Por tres noites e tres dias,  
Haverá mil agonias,  
Que eu aqui vos não direi ;  
Andará tudo de lucto,  
Sem os campos darem fructo,  
Sem ninguem seguir a lei!»

Mas passados sete dias,  
E sete noites tambem,  
Lá dizem as prophcias,  
Não deve temer ninguem.  
Não deve: que do nascente,  
Segundo crê muita gente,  
Virá vindo a cerração ;  
E, depois d'ella desfeita,  
Surgirá a velha seita  
D'el-rei Dom Sebastião !

E depois, por muitos annos,  
Viverá o bom do rei,  
Ensinando a nós profanos  
A crermos na sua lei.  
Tudo então será festejo...  
Parece que já o vejo,  
Moço ainda, a governar ;  
Sem de Alcacer ter saudade,  
Sem de novo ter vontade  
De para lá se tornar.

L. A. PALMEIRIM

---

## NOSSA SENHORA DA SAUDE

---

A Senhora da Saude  
Só ella pôde brilhar;  
Tem a sua capellinha  
Levantada á beira-mar.

Oh Senhora da Saude,  
A vossa capella cheira,  
Cheira ao cravo, mais á rosa,  
Mais á flor da lorangeira.

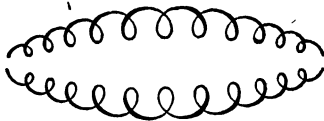
Oh Senhora da Saude,  
Sois pequenina e bem feita;  
Livrae os homens do mar,  
Dae-lhe a vossa mão direita.

Oh Senhora da Saude,  
Que daes aos vossos romeiros?  
— Dou agua da minha fonte,  
Sombra dos meus castanheiros.

Oh Senhora da Saude,  
Senhora tão marinheira,  
Dae-me vós o vosso amparo  
Que eu serei vossa romeira.

Oh Senhora da Saude,  
Virgem, Senhora e Rainha,  
Chamae-me vós afilhada  
Que eu vos chamarei mãdrinha.

CANÇÃO POPULAR.



## DOM BELTRÃO

— « Quedos, quedos, cavalleiros,  
Que el-rei os manda contar ! — »

Contaram e recontaram,  
Só um lhe vinha a faltar :

Era esse Dom Beltrão,

Tão forte no batalhar :

Nunca o acharam de menos

Senão n'aquelle contar,

Senão ao passar do rio

Nos portos do mal passar.

Deitam sortes á ventura

A qual o ha-de ir buscar ;

E ao partir fizeram todos

Jura e promessa no altar,

O que na guerra morresse

Dentro em França se interrar.

Sete vezes deitam sortes.

A quem o ha-de ir buscar,

Todas sete lhe caíram

Ao bom velho de seu pae.



Volta redeas ao cavallo,  
Sem mais dizer nem fallar...  
Que lhe a sorte não caíra,  
Nunca elle havia ficar.

Triste e só se foi andando,  
Não cessava de chorar ;  
De dia vae pelos montes,  
De noite vae pelo valle ;  
Aos pastores perguntando  
Se viram ali passar  
Cavalleiro de armas brancas,  
Seu cavallo tremedal.  
Cavalleiro de armas brancas,  
Seu cavallo tremedal,  
Por essa ribeira fóra  
Ninguem não o viu passar.  
Vae andando, vae andando,  
Sem nunca desanimar,  
Chega áquella mortandade  
Onde fóra Roncesvalles.  
Os braços já tem cançados  
De tanto morto virar ;  
Viu a todos os francezes,  
Dom Beltrão não pôde achar.  
Volta atraz o triste velho,  
Voltou por um areal,

Viu estar um perro mouro  
Em um adarve a velar ;  
— « Por Deus te rogo, bom mouro,  
Me digas sem me enganar,  
Cavalleiro de armas brancas  
Se o tu viste aquí passar.  
Hontem á noite seria,  
Horas de o gallo cantar.  
Se entre vós está captivo,  
A ouro o hei-de pesar.  
— « Esse cavalleiro, amigo,  
Diz-me tu que signaes traz.  
— « Brancas são as suas armas,  
Seu cavallo tremedal,  
Na ponta da sua lança  
Levava um branco sendal ;  
Que lh'o bordou sua dama,  
Bordado a ponto real.  
— « Esse cavalleiro, amigo,  
Morto está n'esse pragal,  
Com as pernas dentro d'agua,  
O corpo no areal.  
Sete feridas no peito  
A qual será mais mortal :  
Por uma lhe entra o sol,  
Por outra lhe entra o luar,

Pela mais pequena d'ellas.  
Um gavião a voar.  
— « Não tórno a culpa a meu filho,  
Nem aos mouros de o matar ;  
Tórno a culpa ao seu cavallo  
De o não saber retirar. —  
Milagre! quem tal diria,  
Quem tal poderá contar!  
O cavallo meio morto  
Ali se poz a fallar :  
— « Não me tornes essa culpa,  
Que m'a não podes tornar :  
Tres vèzes o retirei,  
Tres vezes para o salvar ;  
Tres me deu de espora e redea  
Co'a sanha de pelejar.  
Tres vezes me apertou cilhas,  
Me alargou o peitoral...'  
A' terceira fui a terra  
D'esta ferida mortal. — »

ROMANCE POPULAR



## A PRIMAVERA

Namorou-se uma princeza  
D'um pagem loiro e gentil;  
Chama-se ella — Natureza,  
Chama-se o pagem — Abril.

A primavera opulenta,  
Rica de cantos e cores,  
Palpita, anceia; rebenta  
Em cataclismos de flores.

O olhar d'oiro das boínas  
Contempla o azul: ao vel-as,  
Dir-se-hia que nas campinas  
Caíram chuvas d'estrellas.

Entre as sebes orvalhadas  
Dos rumorosos caminhos  
As madresilvas doiradas  
Tapam as bocças dos ninhos.

Os negros melros farçantes  
Dão rizadas zombeteiras  
Dos loureirões verdejantes  
Nas luminosas trapeiras.

A gentil, mimosa Flora  
Abriu os olhos ideaes;  
Os seus pés da cor da aurora  
Andam nús sobre os trigaes.

Vae a correr e a atirar  
Co'as roseas mãos por campinas  
Borboletas para o ar,  
Lilazes para as campinas.

Polvilha de oiro e de prata  
O campo, o bosque, o vergel;  
Aos seus labios de escarlata  
Vae buscar a abelha o mel.

Seus peitos entumecidos  
São dois montes feiticeiros,  
Todos cobertos, floridos  
Com selvas de jasmineiros.

Os insectos deslumbrantes,  
Inflamados como brasas,

São ametistas, diamantes,  
São carbunculos com azas.

Uns, feitos para a batalha,  
Tendo a guerra por destino,  
Vestiram cotas de malha  
De aço e bronze e de oiro fino.

Outros, artistas mimosos,  
Têm librés resplandcentes  
Dos veludos mais preciosos,  
Das rendas mais transparentes.

Tudo ri e brilha e canta  
N'este divino esplendor:  
O orvalho, o nectar da planta,  
O aroma, a lingua da flor.

Enroscam-se aos troncos nus  
As verdes cobras da hera.  
Radiosos vinhos de luz  
Scintillam pela atmosphaera.

Entre os loureiros das matas,  
Que crescem para os heroes,  
Dá o luar serenatas  
Com bandas de rouxinoes.

E' a terra um paraiso,  
E o céo profundo lampeja  
Com o ineffavel sorriso -  
Da noiva ao sair da igreja.

GUERRA JUNQUEIRO



---

## A ENGEITADA E A ORPHÃ

---

—Porque choras tu, anjinho?

—Tenho fome e tenho frio.

—E só por este caminho?

Como a ave que cahiu

Ainda implume do ninho!

A tua mãe já não vive?

—Nunca a vi em minha vida.

Andei sempre assim perdida,

Mãe certamente não tive.

—E's mais feliz do que eu...

Que tive mãe, e morreu!

JOÃO DE DEUS





## ELEVAÇÃO A DEUS AO ANOITECER

Fui-me sentir meditativo e triste  
No cimo da montanha magestosa;  
Como se desejasse esta alma anciosa  
    Mais perto estar de Deus.

O sol no occaso illuminava ainda  
Os valles, que a meus pés se assombream,  
E as nuvens, que suspensas ondulam  
    No oceano dos ceus.

Resei: Salve, oh Eterno! O dia expira,  
A rosa como o lyrio o viço perde;  
De mil campinas se esvaece o verde  
    E até o azul do céu:

Mas vem narrar os astros tua gloria!  
Em vão o sol ao occidente corre;  
Mais brilha então teu nome, que não morre,  
    Das sombras entre o véo.

E' que a t'ela dos ceus é mais augusta,  
Mais digna de teu nome ter escripto,  
Tendo estrellas em numero infinito,  
    Como é o teu poder :

E o socego da noite é mais solemne  
Para os echos da musica celeste,  
Que tem o ramalhar de alto cypreste,  
    O teu nome a dizer.

E amanhã romperá de novo a aurora ;  
E, pintando de Deus a immensidade,  
O sol exemplará com magestade  
    Mar, a terra, os ceus !

Callam n'elle o trovão, e o sopro da aura,  
O raio, e a luz timida da serra,  
E os innumeros soes que o espaço encerra...  
    Em tudo e sempre—Deus—

J. S. DA SILVA FERRAZ



## A ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta  
De igreja rustica e antiga,  
Velha trémula e mendiga  
Implorava compaixão.  
Quasi um seculo contado  
De atribulada existencia,  
Eil-a enferma e na indigencia,  
Que á piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam  
A distancia, na alameda,  
Uma trajava de seda,  
Da outra humilde era o trajar.  
Uma era rica, outra pobre,  
Ambas loiras e formosas,  
Nas faces a cor das rosas,  
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos,  
Vencida pelo cançasso,  
Vio a mendiga—e ao regaço  
Uma esmola lhe lançou.

Ella recebe-a ; e a criança,  
Que a soccorre compassiva,  
Em prece fervente e viva,  
Aos anjos encommendou.

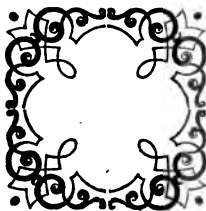
De um ligeiro sentimento  
De vaidade possuida,  
A' criança mal vestida  
Disse a do rico trajar :  
—«O prazer de dar esmolas  
A ti e aos teus não é dado ;  
Pobre como és, coitado,  
Aos pobres o que has-de dar?»

Então a criança pobre,  
Sem más sombras de desgosto,  
Tendo o sorriso no rosto,  
Da igreja se aproximou ;  
E após, serena, em silencio,  
Ao chegar junto da velha,  
Descobrimdo-se, ajoelha,  
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga, alvoroçada,  
Ao collo os braços lhe lança,  
E beija a pobre criança,  
Chorando de commoção !

E' assim que a caridade  
Do pobre ao pobre consola;  
Nem só da mão sae a esmola,  
**Sae tambem do coração.**

JULIO DINIZ



---

---

ROMANCE DE GOESTO  
ANSURES

---

No figueiral figueiredo,  
Lá no figueiral entrei.  
Seis donzellas encontrara,  
Seis donzellas encontrei;  
Para ellas caminhará,  
Para ellas caminhei;  
Chorando a todas achara,  
A todas chorando achei;  
Logo ali lhes perguntara,  
Logo ali lhes perguntei,  
Quem foi que ousou maltratal-as,  
Tratal-as de tão má lei.

No figueiral figueiredo,  
Lá no figueiral entrei.  
Uma d'ellas respondera:  
— « Cavalleiro, não no se . . .  
Mal haja, mal haja a terra  
Que tem mau e fraco rei!

Que se eu as armas vestira,  
Por minha fé, que não sei  
Se homem ousara levar-me,  
Levar-me de tão má lei...  
Com Deus ide, cavalleiro,  
Ide com Deus, que não sei  
Se onde me falais agora  
Nunca mais vos falarei — »

No figueiral figueiredo,  
Lá no figueiral entrei.  
Eu então lhe replicara :  
— « Por minha fé, não irei ;  
Antes olhos d'essa cara  
Bem caros os comprarei ;  
A longas terras distantes,  
Só por seguir-vos, me irei ;  
Por caminhos desvairados  
A traz de vós andarei ;  
Lingoas moiras de aravias  
Por vós eu as falarei ;  
Moiros, se me apparecerem,  
A todos os matarei. — »

No figueiral figueiredo,  
Lá no figueiral entrei.

N'isto o moiro que as guardava  
Perto d'ali encontrei:  
Se elle bem me ameaçava,  
Eu melhor o ameacei;  
Um tronco secco esgalhara,  
Um tronco secco esgalhei;  
Com elle a todos matara,  
A todos desbaratei;  
As donzellas libertara,  
Todas seis as libertei;  
Aquella que me falaria  
Com ella me casarei.  
No figueiral figueiredo,  
Lá no figueiral entrei.

ROMANCE ANTIGO: POSTO EM LINGUAGEM MODERNA  
POR A. DE Q.

---



A CARIDADE

---

Do pobre ao rico ha distancia  
Cortadas por muito abysmo,  
Que a sorte, ou, quem sabe? o egoismo  
De espaço a espaço afundou.

Salva-as com aereos passos  
Meiga virgem da piedade ;  
Chamou-lhe Deus Caridade,  
E o mundo o nome exalçou.

A' noite, a virgem modesta,  
A casta filha de Deus,  
Furta-se aos hymnos da festa  
E, envolta em candidos veus,

Desce a escada sumptuosa ;  
Mãe aos maus, irmã dos bons,  
Lá vai levar carinhosa  
A toda a parte os seus dons.

Aqui, perfuma, suavisa,  
Como a aragem matinal,  
Velho que triste agonisa  
Na enxerga d'um hospital.

Sae ; busca afflicta viuva  
Na sobre-loja sombria,  
E aquece na mão sem l'iva  
Mão pobre, engelhada e fria.

D'ali, sobe a estreita escada,  
São-lhe guia afflictos ais,  
E encontra na agua-furtada  
Filhos nús, famintos paes ;

E leva esmola e carinho  
Ao casal desventurado,  
Que foi armar o seu ninho  
Entre os musgos d'um telhado.

Onde assoma o transparente  
Sendal da candida fada,  
Tudo é formoso e ridente  
Como os prismas da alvorada :

As rugas caem das fronte ;  
Os prantos fogem dos olhos ;

As rochas abrem-se em fontes;  
Brotam lyrios dos abrolhos.

Se descerra os purpurinos  
Lábios de finos rubis,  
Suas palavras são hymnos  
Que Deus acceta e bemdiz !

C'roa de mysticas flores  
Lhe entretece a loira trança;  
Nos olhos riem-lhe amores;  
Na alma, a fé; no seio, a esp'rança.

E quando emfim desaparece  
Aos infelizes da terra,  
E, após a nocturna prece,  
Pousa a face e os olhos cerra,

Velam-lhe o leito os carinhos,  
Que ella deu a tanta dor;  
As preces dos pobresinhos;  
E, á cabeceira, o Senhor !

THOMAZ RIBEIRO

## ROSAS NO INVERNO

A UMA VELHINHA, QUE TRAZIA UM  
PRESENTE DE ROSAS

Trazeis-me rosas; d'onde as heis colhido,  
Boa velhinha e minha boa amiga?  
Rosas no inverno! permiti que o diga,  
Sois feiticeira: donde as heis colhido?

Na primavera de meus annos, ólho,  
Mas vejo abrolhos e não vejo flores:  
E vós colhel-as, como as eu não colho...  
Sois feiticeira — infeitices de amores.

Infeiticaes; que a formosura, crede,  
Não vem da face avelludada e bella:  
A formosura vem só d'alma: é d'alma  
Que brota a fonte que nos mata a sede.

Vós sois velhinha, já não tendes cores  
Que o rosto animem e que os olhos prendam;  
Mas tendes prendas que o amor accendam,  
Tendes ainda no inverno... flores.

JOÃO DE DEUS

## O FILHO MORTO

No povo de alem da serra  
Vai a noite em mais de meio,  
E a pobre da mãe velava  
Unindo o filhinho aó seio.

«Acorda, meu filho, acorda,  
«Que esse dormir não é teu;  
«E' como o somno da morte  
«O somno que a ti desceu.

«Tarda-me já um sorriso  
«Nos teus labios de rubim;  
«Acorda, meu filho, acorda,  
«Sorri-te ledo p'ra mim.»

Mas o pobre doentinho  
Em seu regaço expirou;  
E a mãe o cobriu de beijos,  
E largo tempo chorou.

Em seu pequeno jazigo  
Dois dias chorou também ;  
Ao terceiro, o sino triste  
Dobrou á morte de alguém.

E á noite, no cemiterio,  
Outro jazigo se via :  
Era a mãe, que ao pé do filho  
Na sepultura dormia.

SOARES DE PASSOS



AOS PEQUENINOS

---

Além tocam os sinos,  
Que vozes! que harmonia!  
E' o tom da Ave-Maria,  
Que por vós todos clama.  
De joelhos, pequeninos  
Que o Pae do céu vos chama!

Seus canticos divinos  
O órgão solta agora,  
Por vós todos implora  
A luz que o céu derrama.  
De joelhos, pequeninos,  
Que o Pae do céu vos chama!

Ouvis os sacros hymnos,  
Que entoa vossa Mãe,  
A supplicar tambem  
Por vós? Quanto vos ama!  
De joelhos, pequeninos,  
Que o Pae do céu vos chama!

---

Orae, orae, meninos,  
Na terra com fervor,  
E se o divino amor  
Já vos atrae e inflamma,  
Erguei-vos, pequeninos,  
E' Deus que ao céu vos chama!

J. SIMÕES DIAS





## A DONZELLA QUE VAE A' GUERRA

---

—Pregoadas são as guerras  
Entre França e Aragão ;  
Ai de mim, que já sou velho,  
As guerras me acabarão !  
De sete filhas que tenho  
Sem nenhuma ser varão !—  
Responde ali a mais nova,  
Com toda a resolução :  
—Venham armas e cavallo,  
Que eu serei filho varão.  
—Tendes os olhos mui vivos,  
Filha, conhecer-vos-hão.  
—Quando passar pela armada  
Porei os olhos no chão.  
—Tendes os hombros mui altos,  
Filha, conhecer-vos-hão.  
—Venham armas bem pesadas,  
Os hombros abaixarão.  
—Tendes os peitos mui altos,  
Filha, conhecer-vos-hão.

—Venha gibão apertado,  
Os peitos abaterão.

—Tendes as mãos delicadas,  
Filha, conhecer-vos-hão.

—Venham já luvas de ferro,  
Grosseiras parecerão.

—Tendes os pés pequeninos,  
Filha, conhecer-vos-hão.

—Calçarei botas de esporas,  
Nunca d'ellas sairão.

—Senhor pae, senhora mãe,  
Grande dor de coração;  
Que os olhos do conde Daros  
São de mulher, de homem não!

—Convidae-o vós, meu filho,  
Para ir comvosco ao pomar,  
Porque se elle for mulher  
A' maçã se ha-de pegar.—

A donzella, por discreta,  
O camoez foi apanhar.

—Oh que bellos camoezes  
Para um homem cheirar!  
Lindas maçãs para damas,  
Quem lh'as podera levar!

—Senhor pae, senhora mãe,  
Grande dor de coração;

Que os olhos do conde Daros  
São de mulher, de homem não !

—Convidae-o vós, meu filho,

Para comvosco jantar ;

Porque se elle for mulher

No estrado se ha-de encruzar.—

A donzella, por discreta,

No escano se foi sentar.

—Senhor pae, senhora mãe,

Grande dor de coração,

Que os olhos do conde Daros

São de mulher, de homem não !

—Convidae-o vós, meu filho,

Para comvosco feirar ;

Porque se elle for mulher

A's fitas se ha-de pegar.—

A donzella, por discreta,

Foi uma espada apreçar.

—Oh que bella espada esta

Para com homens brigar !

Lindas fitas para damas,

Quem lh'as podera levar !

—Senhor pae, senhora mãe,

Grande dor de coração,

Que os olhos do conde Daros

São de mulher, de homem não !

—Convidae-o vós, meu filho,



Para comvosco nadar ;  
Porque se elle for mulher  
O convite ha-de escusar.—  
A donzella, por discreta,  
Com elle se foi ao mar...  
Lá no meio do caminho  
Um pagemsinho a acenar.  
Cartas traz o pagemsinho,  
Cartas de grande pesar :  
Toma as cartas a donzella,  
Põe-se a ler, põe-se a chorar.  
—Novas me chegam agora,  
Novas de grande pezar,  
De que minha mãe é morta,  
Meu pae se está a finar.  
Os sinos da minha terra  
D'aqui os ouço dobrar...  
—Monta, monta, cavalleiro,  
Que te quero ácompanhar.—  
Já chegam a uns altos paços,  
Foram-se logo apear.  
—Senhor pae, trago-lhe um genro,  
Se o quizer aceitar :  
Foi meu capitão na guerra,  
Falou-me para casar...  
Se ainda me quer agora,  
Com meu pae ha-de falar.

Sete annos andei na guerra  
E fiz de filho varão.  
Ninguem me conheceu nunca  
Senão o meu capitão:  
Conheceu-me pelos olhos,  
Que por outra cousa não.

ROMANCE POPULAR.



## A UMA GATINHA

Amas, pobre animal, e tens tu pena?...  
Ah! póde na tua alma entrar piedade?  
Se póde entrar, eu sei! Negar quem ha-de  
Amor ao tigre, coração á hyena!

Tudo no mundo sente: o odio é premio  
Dos condemnados só, que esconde o inferno.  
Tudo no mundo sente: a mão do Eterno  
A tudo deu irmão, deu par, deu gêmeo.

A mim deu-me esta gata, a mim deu-me isto...  
Esta fera, que as unhas encolhendo  
Pelos hombros me trepa e vem correndo  
Beijar-me... Só não vivo! amado existo!

JOÃO DE DEUS

VOZES DOS ANIMAES

---

*Palram* pega e papagaio  
E *cacareja* a galinha;  
Os ternos pombos *arrulham*;  
*Geme* a rôla innocentinha.

*Muge* a vaca; *berra* o touro;  
*Grasna* a rã; *ruge* o leão;  
O gato *mia*; *uiva* o lobo,  
Tambem *uiva* e *ladra* o cão.

*Relincha* o nobre cavallo;  
Os elephantes dão *urros*;  
A timida ovelha *bala*;  
*Zurrar* é proprio dos burros.

*Regouga* a sagaz rapoza  
(Bichinho muito matreiro);  
Nos ramos *cantam* as aves;  
Mas *pia* o mocho agoureiro.

Sabem as aves ligeiras  
O canto seu variar ;  
Fazem ás vezes *gorgeios*,  
A's vezes põem-se a *chilrar*.

O pardal, damninho aos campos,  
Não aprendeu a cantar ;  
Como os ratos e as doninhas,  
Apenas sabe *chiar*.

O negro corvo *crocita* ;  
*Zune* o mosquito enfadonho ;  
A serpente no deserto  
Solta *assobio* medonho.

*Chia* a lebre ; *grasna* o pato ;  
Ouvem-se os porcos *grunhir* ;  
Libando o succo das flores,  
Costuma a abelha *zumbir*.

*Bramam* os tigres, as onças ;  
*Pia, pia* o pintainho ;  
*Cucurica* e *canta* o gallo ;  
*Late* e *gane* o cachorrinho.

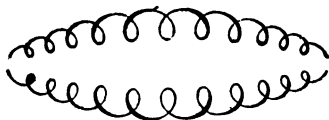
A vitellinha dá *berros* ;  
O cordeirinho, *balidos* ;



O macaquinho dá *guinchos* ;  
A criancinha, *vagidos*.

A falla foi dada ao homem,  
Rei dos outros animaes.  
Nos versos lidos acima,  
Se encontram, em pobre rima,  
As vozes dos principaes.

PEDRO DINIZ



## A ROMARIA

— Ai que linda vae a festa,  
Que vistosa romaria !  
Só eu, coitada, não tenho  
Quem me seja companhia.

Se alguém me levasse á festa,  
Aqui mesmo juraria,  
Co'o proprio demo casar-me  
Dentro d'um anno e um dia. —

Palavras não eram ditas,  
Eis que um moço lhe apparecia,  
Mui cortez e mui guapo,  
Que estas falas lhe dizia :

— Aceito o teu juramento ;  
Dentro d'um anno e um dia,  
Lembra-te bem que disseste :  
Com o demo eu casaria !

Agora já te não falta  
Quem te faça companhia;  
Podes vir commigo á festa,  
Ver a santa romaria!—

E' bem de ver como a pobre  
De susto não ficaria:  
Caíu nó chão de joelhos,  
Rezando á Virgem Maria!

Desbotada como um lyrio,  
Ora chorava e tremia,  
Ora convulsa rezava,  
Mas nem palavra se ouvia.

Immovel, petrificada,  
D'ali se não desprendia:  
Viva imagem do remorso,  
Contrafeita se sorria.

Té que uma voz a desperta,  
Que estas palavras dizia:  
— Serás minha desposada  
Dentro d'um anno e um dia!

O juramento que deste  
Já ninguem t'o quebraria.

Podes vir commigo á festa  
Ver a santa romaria!—

Ao ouvir estas palavras,  
Como se fosse magia,  
D'aonde presa estivera  
A coitada se movia.

Enfeitada para a festa,  
Tremendo os passos seguia  
Do vulto que taciturno  
Lhe ia servindo de guia!

Atravessou pela aldeia,  
Como a pobre não iria!  
Sempre a dizer em voz baixa:  
— Valha-me a Virgem Maria!

Valham-me todos os Santos  
Que minha mãe me dizia  
Serem conforto e esperança  
No momento da agonia.

Valha-me a Cruz!—De repente  
Olhou a pobre, e não via  
Quem até ali a levára,  
Quem lhe servira de guia!

Passou um mez e mais outro,  
Passou um anno e um dia,  
Depois d'aquelle em que fôra  
A' festa da romaria.

Na mesma noite, na aldeia,  
Um vulto negro apparecia,  
Que em voz alta o juramento  
D'alguem da terra pedia.

Tudo na aldeia era susto,  
Tudo de medo tremia :  
Mas a que vinha o phantasma  
Ninguem ao certo sabia.

Só quem jurára casar-se  
Um anno antes havia,  
A que o phantasma ali vinha,  
Coitada d'ella, sabia!

Sabia por seus peccados,  
E a tremer se benzia,  
Sempre que o vulto bradava :  
— Passou um anno e um dia! —

Mais uma noite passára,  
Outra talvez passaria,

Sem que o phantasma dissesse  
O que ali preso o trazia.

A não ser que quando tudo  
Inda na aldeia dormia,  
O sino grande da torre  
Sem mão de homem se tangia.

E no dobrar compassado,  
A triste sorte carpia  
D'alguem, que no lance extremo  
A taes horas se sentia !

E em lagrimas banhada,  
A' Virgem santa pedia  
Perdoasse a quem devêras  
Morrendo se arrependia !

Que o juramento que dera  
Sem remorsos o cumpria,  
Desposando a sepultura  
Antes d'um anno e um dia !

L. A. PALMEIRIM

## A ADORAÇÃO DE ABEL

---

Adorae, montanhas,  
Adorae, verduras,  
O Deus das alturas!  
Adorae, desertos  
E serras floridas,  
O Deus dos secretos,  
O senhor das vidas!  
Ribeiras crescidas,  
Louvae nas alturas  
Deus das creaturas!  
Louvae, arvoredos  
De fructo pesado;  
Digam os penedos:  
Seja Deus louvado!  
E louve o meu gado,  
Por estas verduras,  
O Deus das alturas!

GIL VICENTE

---

## O BOM REITOR

---

Sabem a historia triste  
Do bom-reitor?  
Misero, toda a vida  
Levou com dor.

Fez quanto bem podia,  
Mas... a final  
Morre, e na pobre campa  
Nem um signal,

Nem uma cruz ao menos  
Se ergue do chão!  
Geme-lhe só no tumulo  
A viração.

Vêdes alem, na relva  
Junto ao rosal,  
Flores que ha desfolhado  
O vendaval?



Cobrem-lhe a lousa humilde:

A criação

Paga-lhe assim a divida

Dè compaixão.

Pobres, que amava tanto,

Nunca, ao passar,

Choram curvando a fronte

Para resar.

Nunca, ao romper do dia,

O lavrador

Pára e lamenta a sorte

Do bom reitor.

As criancinhas nuas,

Que estremeceu,

Já nem sequer se lembram

Do nome seu.

No salgueiral vizinho,

Ao pôr do sol,

Vae-lhe carpir saudades

O rouxinol.

Lgrimas... pobre campa!

Ai, não as tem.

---

Só da manhã o orvalho  
Rocial-a vem.

Da solitaria lua  
A triste luz  
Grava-lhe, em vagas sombras,  
Estranha cruz.

E elle repousa, dorme,  
Vive no céu;  
Dorme esquecido e humilde,  
Como viveu.

JULIO DINIZ



SÚPPLICA

---

Jesus! se o mundo se agita,  
Dá-me descanso, Jesus!  
Faz'-me grama parasita  
Encostada ao pé da cruz.

Faz'-me insecto da ramada  
Que ninguem vê na amplidão:  
Quero, á sombra do meu nada,  
Perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra  
Que ninguem bebe nem vê:  
Tira-me os mimos da terra,  
Mas dá-me as crenças e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome  
Misturar-se aos prantos meus;  
E morra embora de fome,  
Mas bendizendo-te, oh Deus!

THOMAZ RIBEIRO

---

---

## A DONZELLA ENCANTADA

---

Em um castello doirado  
Dorme encantada-donzella :  
Nasceu... e vive dormindo ;  
Dorme tudo junto d'ella.

Adormeceu-a, sonhando,  
Um feiticeiro condão,  
E dormem no seio d'ella  
As rosas do coração.

Dorme a lampada de prata  
Defronte do leito seu :  
Immovel, a lua triste  
Dorme pallida no céu.

Voam os sonhos errantes  
Do leito sob o docel,  
E suspiram no alaúde  
As notas do menestrel.

E no castello, sósinha,  
Dorme encantada donzella:  
Nasceu... e vive dormindo;  
Dorme tudo junto d'ella.

Dormem, cheirosas abrindo,  
As roseiras em botão,  
E dormem no seio d'ella  
As rosas do coração.

M. A. ALVARES DE AZEVEDO



---

---

## PADRE NOSSO

---

*Pae nosso*, de todos nós,  
Que todos somos irmãos;  
A ti erguemos as mãos  
E levantamos a voz:

A ti, *que estás lá no céu*,  
E nos lanças com clemencia,  
Do vasto estrellado véu,  
Os olhos da Providencia!

Bemdito, *santificado*  
*Seja o teu nome*, Senhor!  
Inviolavel, sagrado  
Na bocca do peccador!

E *venha a nós o teu reino!*  
Acabe o da vil cubiça!  
Reine o amor á justiça  
Que prégava o Nazareno;

De modo que *seja feita*  
*A tua santa vontade,*  
Sempre a expressão perfeita  
Da justiça e da verdade !

*Seja feita, assim na terra*  
*Como no céo, onde habita*  
Esse, cuja mão encerra  
A criação infinita !

*O pão nosso, n'esta lida*  
*De cada dia, nos dá*  
Hoje, e basta... a luz da vida  
Quem sabe o que durará !

*E perdóá-nos, Senhor,*  
*As nossas dividas ; sim !*  
Grandes são, mas é maior  
Essa bondade sem fim !

*Assim como nós (se é dado*  
*Julgar-nos tambem crédores)*  
*Perdoamos de bom grado*  
*Cá aos nossos devedores.*

*E não nos deixes, bom Pae,*  
*Cahir nunca em tentação ;*

Que o homem, por condição,  
Sem o teu auxilio cahe!

*Mas*, tu, que não tens segundo  
E muito menos igual,  
Dá-nos a mão n'este mundo,  
Senhor! *livra-nos do mal!*

JOÃO DE DEUS





## A ANDORINHA FERIDA

---

Já despe galas  
A natureza,  
Veu de tristeza  
Tudo envolveu ;  
Desfolha o outomno  
No prado as flores,  
Densos vapores  
Sobem ao ceo...

Gemem os ventos  
Nas fundas matas ;  
Das cataractas  
Dobra o fragor ;  
Calam-se os cantos  
Na umbrosa selva ;  
Da humilde relva  
Cresce o verdor.

Nas nossas terras  
O sol desmaia ;  
O alcyon na praia  
Triste gemeu ;

Aves errantes,  
Cruzae os mares,  
De outros logares  
Buscae o céu.

E as andorinhas  
Vão-se juntando,  
Bando após bando,  
Na beira-mar ;  
Deixam as neves  
Já eminentes,  
Auras clementes  
Vão demandar.

Chama-as o instincto,  
Que á turba alada  
Indica a estrada  
Da emigração.  
Mas, ai, na selva  
Jaz esquecida  
Uma, ferida  
Por cruel mão !

Debalde a victima  
Da má ventura  
Inda procura  
O vôo erguer.

Debalde : exanime  
Cae na floresta ;  
Já lhe não resta  
Senão morrer...

Ella ouve o canto  
Das companheiras,  
Vê-as ligeiras  
Passar alem:  
Chama-as, não lhe ouvem  
A voz sumida,  
Que na fugida  
Nada as detem !

— «Oh companheiras  
De horas felizes,  
A outros paizes  
Passaes sem mim?  
Sob os rigores  
Do triste outomno,  
Ao abandono  
Deixaes-me assim?

«Tu, doce amiga,  
Fiel esposa,  
Nem tu, saudosa,  
Vens ter aqui?!...

Mas vae, que o inverno  
Tardar não deve;  
Fugi da neve,  
Irmãs, fugi!

Ide a esse clima  
Que vos espera;  
Na primavera  
Regressareis:  
Voltando á sombra  
D'esta verdura,  
A desventura  
Me chorareis.»—

Calou-se. Eis subito  
Trazem-lhe os ventos  
Debeis lamentos  
De triste voz.  
Ouve-os, levanta-se,  
A dor esquece,  
Canta... emmudece  
E morre após...

Eis que da moita  
D'ali visinha  
Uma andorinha  
Gemendo sae;

Ao ver do esposo  
A triste sorte,  
Tambem da morte  
Ferida cae.

E sobre os mares  
O alado bando  
Vae demandando  
Outro paiz.  
E cedo a neve  
Do frio inverno  
Esconde o terno  
Par infeliz.

**JULIO DINIZ**



## FÉ

As orações dos homens  
Subam eternamente aos teus ouvidos;  
Eternamente aos teus ouvidos soem  
Os canticos da terra.

No turvo mar da vida,  
Onde em parceis do crime a alma naufraga,  
A derradeira bussola nos seja,  
Senhor, tua palavra.

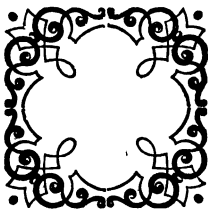
A melhor segurança  
Da nossa intima paz, Senhor, é esta;  
Esta a luz, que ha-de abrir á estancia eterna  
O fúlgido caminho.

Ah, feliz o que pode,  
No extremo adeus ás cousas d'este mundo,  
Quando a alma, despida de vaidade,  
Vê quanto vale a terra ;

Quando das glorias frias  
Que o tempo dá e o mesmo tempo some,  
Despida já, os olhos moribundos  
Volta ás eternas glorias ;

Feliz o que nos labios,  
No coração, na mente põe teu nome,  
E só por elle cuida entrar cantando  
No seio do infinito !

MACHADO DE ASSIS



---

## CANTICO DA MANHÃ

---

Que alvor, que amar, que musica,  
Nos céos, em mim, no ar!  
A festa da existencia  
Me vem resuscitar!  
Nasço a cantar com os passaros!  
Surjo a brilhar com a luz!  
Envolta em rosas candidas  
Ledo retomo a cruz!

Fonte do Ser! Espirito!  
Mysterio creador!  
Eis-me! saí d'um tumulo,  
Como da terra a flor.  
Eis-me! eu te escuto. Emprega-me.  
Senhor, que vou fazer?  
«Ama» bradou voz intima,  
«Amar cifra o dever.»

A. F. DE CASTILHO



## O VAGALUME

---

Quem és tu, pobre vivente,  
Que passas triste sósinho,  
Trazendo os raios da estrella  
E as azas do passarinho ?

A noite é negra, raivosos  
Os ventos sopram do sul ;  
Não temes, doido, que apaguem  
A tua lanterna azul ?

Quando appareces, o lago  
De estranhas luzes fulgura ;  
Os mochos voam medrosos,  
Buscando a floresta escura.

As folhas brilham, reflectem,  
Como espelhos de esmeralda ;  
Fulge o iris nas torrentes  
Da serra na fralda.

•  
O grilo salta das sarças,  
Pulam genios nos palmares,  
Começa o baile dos sylphos  
No seio dos nenuphares.

A tribu das borboletas,  
Das borboletas azues,  
Segue teus giros no espaço,  
Mimosa gotta de luz.

São ellas flores sem haste,  
Tu és estrella sem céu;  
Procuram ellas as chamas,  
Tu amas da noite o véo.

Onde vaes, pobre vivente,  
Onde vaes triste, mesquinho,  
Levando os raios da estrella  
Nas azas do passarinho ?

L. FAGUNDES VARELLA



A FILHA DA MOLEIRA

---

Oh senhora mãe,  
Deixe-me ir á festa  
Que não ha nenhuma  
Mais linda do que esta.

Arcos, fogo e musica,  
Arraial tão lindo!...  
E moços e moças  
Conversando e rindo.

Ir lá tambem posso :  
Já não sou pequena,  
Sou da mesma idade  
Da Rita Morena.

Já sei molinhar  
Como um bom moleiro,  
No moinho do milho  
E mais no alveiro.

Quem faz d'estas cousas  
Já não é criança ;

Já pode ir ás festas,  
Já canta e já dança.

Dê-me o chapeo fino  
E a roupa asseada,  
Que eu ir lá não devo  
Toda enfarinhada.

Hei-de ir de chinellas,  
De meias de linha,  
Camisa mui branca...  
Mas não de farinha.

Não quero se ria  
De mim todo o povo :  
Dê-me a saia verde  
Mais o gibão novo.

Eu quero mostrar-me  
No largo da igreja,  
E mordam-se as outras  
Embora de inveja.

E se perguntarem  
Quem é a gaiteira,  
Saibam que é a filha  
Da Thereza moleira.

HENRIQUE AUGUSTO.

## A NOIVA ARRAIANA

---

— Deus vos salve, minha tia.  
Na vossa roca a fiar!  
— Venha embora o cavalleiro  
Tão cortez no seu falar!  
— Má hora se elle foi, tia,  
Má hora torna a voltar!  
Que já ninguem o conhece  
De mudado que ha-de estar.  
Por lá o matassem mouros,  
Se assim tinha de tornar!  
— Ai sobrinho da minha alma,  
Que és tu pelo teu falar!  
Não vês estes olhos, filho,  
Que cegaram de chorar?  
— E meu pae e minha mãe,  
Tia, que os quero abraçar?  
— Teu pae é morto, sobrinho,  
Tua mãe foi a enterrar.  
— Que é da minha armada, tia,  
Que eu aqui mandei estar?  
— A tua armada, sobrinho,  
Mandou-a o fronteiro ao mar.

— Que é do meu cavallo, tia,  
Que eu aqui deixei ficar?

— O teu cavallo, sobrinho,  
El-rei o mandou tomar.

— Que é da minha noiva, tia,  
Que aqui ficou a chorar?

— Tua noiva faz hoje a voda,  
Amanhã se vai casar.

— Dizei-me onde é, minha tia,  
Que me quero lá chegar.

— Sobrinho, não digo, não,  
Que te podem lá matar.

— Não me matam, minha tia,  
Cortezia eu sei usar:

E onde faltar cortezia  
Esta espada ha-de chegar.

— Salve-os Deus, oh lá da voda,  
Em bem seja o seu folgar!

— Venha embora o cavalleiro,  
E que se chegue ao jantar!

— Eu não pretendo da voda  
Nem tão pouco do jantar:

Pretendo fallar á noiva,  
Que é minha prima carnal.

Vindo ella lá de dentro,  
Toda lavada em chorar,  
Mal que vio o cavalleiro,  
Quiz morrer, quiz desmaiar.  
— Se tu choras por me veres,  
Já me quero retirar;  
Se é os teus gastos que choras,  
Aqui estou para os pagar.  
— Pagar devia com a vida  
Quem me queria enganar,  
Quando te deram por morto  
N'essas terras d'além-mar.  
Mas que fiquem com a voda  
E bem lhes preste o jantar,  
Que os meus primeiros amores  
Ninguem m'os ha-de quitar!

— Venha juiz de Castella,  
Alcaide de Portugal;  
Que se aqui não ha justiça,  
Com esta espada a hei-de tomar!

ROMANCE POPULAR

---

---

PRIMEIRO PSALMO DE  
DAVID

---

Bemdito o que não cae em se guiar  
Por conselhos de gente depravada ;  
E em vendo que vae mal, muda de estrada,  
E nunca se demora em mau logar :

Que o seu empenho é só unicamente  
A lei de Deus, que estuda noite e dia.  
Como a arvore ao pé d'agua corrente,  
Dá a seu tempo o fructo que devia.

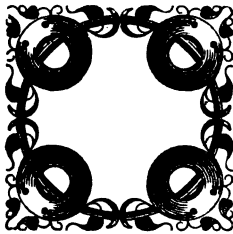
Nunca lhe cae a folha : empresa sua  
Sae por força conforme o seu intento ;  
Emquanto o impio, o mau trabalha e sua,  
E é sempre como o pó, que espalha o vento!

No tribunal, onde ha-de ser ouvido,  
Não conte com sentença a seu favor ;  
Que não entra no numero escolhido  
Dos justos, dos amigos do Senhor.



O justo, Deus bem sabe o seu caminho,  
E guia-o, não o deixa andar sósinho ;  
E o caminho do mau, pelo contrario,  
E' beco sem saída e solitario.

JOÃO DE DEUS.



---

## TRANSFIGURAÇÃO

---

Sósinha e ao desamparo ella vivia  
N'esse pobre casebre abandonado;  
Não conhecera pae nem mãe; doia  
Fitar aquelle rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidava.  
Para os descantes da festiva aldeia;  
E comsigo a mesquinha suspirava:  
«Doce Jesus! porque nasci tão feia?»

Quando a lua no céu azul surgia,  
De alvor banhando a múrmura deveza,  
No postigo do albergue a sós gemia,  
Triste mulher sem viço e sem belleza.

Chamou-a Deus enfim: quando passava  
O singello caixão na triste aldeia,  
Melancholico o povo murmurava:  
«Vae tão bonita, olhae! e era tão feia!...»

A. C. GONÇALVES CRESPO

DEUS

---

Nas horas do silencio, á meia-noite,  
Eu louvarei o Eterno!  
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,  
E os abysmos do inferno.  
Pela amplidão dos ceus meus cantos soem,  
E a lua prateada  
Pare no giro seu, enquanto eu pulso  
Esta harpa a Deus sagrada.

Antes de tempo haver, quando o infinito  
Media a eternidade,  
E só do vacuo as solidões enchia  
De Deus a immensidade,  
Elle existia, em sua essencia involto,  
E fóra d'elle o nada:  
No seio do Creador a vida do homem  
Estava ainda guardada:  
Ainda então do mundo os fundamentos  
Na mente se escondiam  
De Jehovah, e os astros fulgurantes  
Nos ceus não se volviam.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento  
Das mãos sólta o Senhor :  
Surge o sol, banha a terra, e desabrocha  
Uma primeira flor :  
Sobre o invisível eixo range o globo :  
O vento o bosque ondeia :  
Retumba ao longe o mar : da vida a força  
A natureza anceia !

Quem dignamente, oh Deus, ha-de louvar-te,  
Ou cantar teu poder ?  
Quem dirá de teu braço as maravilhas,  
Fonte de todo o ser,  
No dia da criação ; quando os thesouros  
Da neve amontoaste ;  
Quando da terra nos mais fundos valles  
As aguas encerraste ? !

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,  
Com dextra poderosa,  
Fez, por lei immutavel, se librassem  
Na mole ponderosa ?  
Onde existia então ? No typo immenso  
Das gerações futuras ;  
Na mente do meu Deus. Louvor a elle  
Na terra e nas alturas !

Oh, quanto é grande o rei das tempestades,  
Do raio e do trovão !  
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,  
Da tarde a viração !  
Por sua Providencia nunca embalde  
Zumbio minimo insecto ;  
Nem volveu o elephante, em campo esteril,  
Os olhos inquieto.  
Não deu elle á avesinha o grão da espiga,  
Que ao ceifador esquece ?  
Do norte ao urso, o sol da primavera,  
Que o reanima e aquece ?  
Não deu elle á gazella amplos desertos,  
Ao cervo a amena selva,  
Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,  
No prado ao touro a relva ?  
Não mandou elle ao mundo, em lucto e trevas,  
Consolação e luz ?  
Acaso em vão algum desventurado  
Curvou-se aos pés da cruz ?  
A quem não ouve Deus? Sómente ao impio  
No dia da afflicção,  
Quando pesa sobre elle, por seus crimes,  
Do crime a punição.  
  
Homem, ente immortal, que és tu perante  
A face do Senhor ?

E's a junça do brejo, harpa quebrada  
Nas mãos do trovador !  
Olha o velho pinheiro, campeiando  
Entre as neves alpinas ;  
Quem irá derribar o rei dos bosques  
Do throno das collinas ?  
Ninguem ! Mas ai do abeto, se o seu dia  
Extremo Deus mandou !  
Lá correu o aquilão : fundas raizes  
Aos ares lhe assoprou.  
Suberbo, sem temor, saio na margem  
Do caudaloso Nilo,  
O corpo monstruoso ao sol voltando,  
Medonho crocodilo.  
De seus dentes em roda o susto habita ;  
Vê-se a morte assentada  
Dentro em sua garganta, se descerra  
A bocca affogueada :  
Qual duro arnez de intrepido guerreiro  
E' seu dorso escamoso ;  
Como os ultimos ais d'um moribundo  
Seu grito lamentoso :  
Fumo e fogo respira, quando irado ;  
Porém, se Deus mandou,  
Qual do norte impellida a nuvem passa,  
Assim elle passou !

Teu nome ousei cantar! Perdoa, oh Nume,  
Perdoa ao teu cantor!  
Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,  
Mas são hymnos de amor.  
Embora vis hypocritas te pintem  
Qual barbaro tyranno:  
Mentem, por dominar com ferreo sceptro  
O vulgo cego e insano.  
Quem os crê é um impio! Receiar-te  
E' maldizer-te, oh Deus;  
E' o throno dos despotas da terra  
Ir collocar nos ceus.  
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos  
Dos males da existencia  
Tranquillo e sem temor, á sombra posto  
Da tua Providencia.

ALEXANDRE HERCULANO



# INDICE

---

	PAG.
Jesus Pobresinho.....	1
Benções.....	3
A volta da Primavera.....	5
A nau Cathrineta.....	7
A avó.....	10
Conto.....	13
O Rosario.....	20
Canção da Engeitada.....	22
Minha Mãe.....	24
Santa Iria.....	26
Prece ao romper d'alva.....	29
Aquella velha!.....	33
Hymno de amor.....	35
O caçador e a Donzella.....	39
Barca bella.....	42
A tempestade.....	44



---

Ave, Maria!.....	47
Invocação a Deus antes de co- meçar o estudo.....	49
Canção da orphã.....	50
As Fadas.....	53
As aldeias.....	59
Chácara de Nossa Senhora da Nazareth.....	61
Amor filial.....	79
Jésus pequenino.....	80
A herã e o rosmaninho.....	82
A lua de Londres.....	84
Louvores de Nossa Senhora...	88
O primeiro dinheiro.....	93
Psalmo.....	100
Nossa Senhora dos Martyres de Castromarim.....	102
O temporal.....	107
O deserto do alto amazonas....	114
Conde Yanno.....	121
Canto de guerra do gallo.....	128
As duas Redempções.....	130
Salvè rainha.....	133

---

---

Experiencia.....	136
Romance da batalha de Alcacer- Guibir.....	138
O Sebastianista.....	141
Nossa Senhora da Saude.....	145
Dom Beltrão.....	147
A primavera.....	151
A Engeitada e a Orphã.....	155
Elevação a Deus ao anoitecer..	156
A esmola do pobre.....	158
Romance de Goesto Ansures..	161
A caridade.....	164
Rosas no Inverno.....	167
O filho morto.....	168
Aos Pequeninos.....	170
A donzella que vae á guerra...	172
A uma gatinha.....	177
Vozes dos animaes.....	178
A Romaria.....	181
A adoração de Abel.....	186
O bom reitor.....	187
Súplica.....	190
A Donzella encantada.....	191

---

Padre nosso.....	193
A andorinha ferida.....	196
Fé.....	201
Cantico da manhã.....	203
O vagalume.....	204
A filha da moleira.....	206
A noiva arraiana.....	208
Primeiro Psalmo de David.....	211
Transfiguração.....	213
Deus.....	214











YB 80574



